



**ANANSI**

Revista de Filosofia, Salvador.  
Universidade do Estado da Bahia  
ISSN: 2675-8385

## **A complexidade do realismo e a abordagem indexicalista: limites e prospectos**

*The Complexity of Realism and the Indexicalist Approach: Limits and Prospects*<sup>1</sup>

**Otávio Souza e Rocha Dias Maciel**<sup>2</sup>

Tradução: Rafael Ferreira Martins<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar minha visão sobre o projeto Indexicalismo [*Indexicalism*] do professor Hilan Bensusan. Começo mostrando como podemos ver os indexicais emergindo dos quenotipos, pelo menos como são apresentados por Quentin Meillassoux, que os coloca dentro de uma Matriz Categorial mais ampla. Em seguida, procuro mostrar como uma abordagem complexa do Realismo se beneficia muito dos quenotipos-indexicais, que são a própria raiz da possibilidade de uma ontologia da comunicação. Em seguida, apresento alguns comentários positivos e algumas observações críticas sobre a construção do projeto do Indexicalismo e seus limites, ao mesmo tempo em que mostro como podemos criar novas alianças em direção a um novo tipo de ontologia formal.

**Palavras-Chave:** Hilan Bensusan. Indexicalismo. Realismo especulativo. Metafísica dos Outros. Quenotipos (Meillassoux). Realismo Complexo (Suremática). Ontologia formal.

---

<sup>1</sup> Trabalho originalmente publicado em inglês na revista *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*, no volume 17, n. 2 de 2021, no caderno especial que publicou artigos apresentados na série de conferências em homenagem ao lançamento da obra *Indexicalism: Realism and the Metaphysics of Paradox* (2021) do professor Hilan Bensusan (PPGFIL/UnB). O resumo e as palavras-chave são traduções daquelas publicadas originalmente na edição em inglês.

Disponível em: <<https://cosmosandhistory.org/index.php/journal/article/view/979>>.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela linha “Epistemologia, Lógica e Metafísica” do PPGFIL/UnB. Mestre em Teoria do Direito e Direito Global pela European Academy of Legal Theory (Goethe-Frankfurt/ULB-Bruxelas). Bacharel em Filosofia e em Direito, ambos pela UnB. Pesquisador Colaborador Pleno no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL/UnB). Professor de Filosofia na Universidade do Distrito Federal (UnDF). Fundador e coordenador do grupo de pesquisa Assemblagem – Conexões Filosóficas, membro do GT de Ontologias Contemporâneas (ANPOF). Contato: [oe.maciell@gmail.com](mailto:oe.maciell@gmail.com)

<sup>3</sup> Pesquisador e tradutor nas áreas de Filosofia e Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia. Tem na filosofia de Whitehead sua base intelectual, sendo membro do grupo de pesquisa Pensamento Processual e Estudos Whiteheadianos na América Latina (UFRJ). É formado em Filosofia (UnB, 2022) e em Física (Unip, 2021), tendo se especializado em Ensino de Física (Unicsul, 2022) e em Ciências Humanas (UFRGS, em conclusão). Atualmente cursa mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade na Universidad Alberto Hurtado (Santiago, Chile). Contato: [rafael98filosofia@gmail.com](mailto:rafael98filosofia@gmail.com)

## Prólogo do Tradutor

Este trabalho de tradução nasce do propósito de cooperar com a difusão do Realismo Complexo (Suremática) e do Indexicalismo, bem como, especialmente, de promover o diálogo entre aquela metametafísica e esta metafísica. Esta tradução inédita possibilita aos leitores da Língua Portuguesa o acesso a um conteúdo único, no qual o Professor Otávio S.R.D. Maciel apresenta o Indexicalismo a partir da perspectiva do Realismo Complexo, situando os indexicais na Matriz Categorial deste realismo e, partindo de categorias selecionadas, mostra como os indexicais são importantes, mas também insuficientes. Sendo assim, ocorre um histórico convite ao Indexicalismo, para que este se beneficie das potencialidades de outras categorias metafísicas através das alianças possibilitadas pelo Realismo Complexo enquanto fórum de metafísicas. Além de trazer uma proposta inovadora e realizar um diálogo histórico, o artigo traduzido também pode servir como uma excelente introdução ao Realismo Complexo na prática, isto é, em seu ambiente de ecologias metafísicas relacionadas.

## Introdução

Este artigo será baseado em minha comunicação no *Indexicalism Online Book Symposium*, de 30 de setembro a 1º de outubro [de 2021], organizado pelo professor Hilan Bensusan e pela *Revista Das Questões*, uma revista local de filosofia da nossa Universidade de Brasília. Minha palestra no simpósio intitulava-se “*Indexicals and Kenotypes – or, why signs devoid of meaning matter for communication theory*” [“Indexicais e Quenotipos – ou, porque signos desprovidos de significado importam para a teoria da comunicação”<sup>4</sup>]. Naquela ocasião, dividi a minha intervenção em duas partes. Primeiro, eu estava preocupado em aproximar a teoria de Quentin Meillassoux sobre quenotipos dos indexicais de Bensusan. Em seguida, ofereci algumas observações gerais que focaram em questões mais amplas do livro *Indexicalism*.

Enquanto planejava escrever este artigo específico para a *Cosmos and History*, retrabalhei minha apresentação com alguns esclarecimentos à medida que ficava cada vez mais evidente para mim que algumas questões mais amplas eram, de fato, o núcleo de minhas avaliações em relação ao projeto indexicalista do professor Bensusan. Durante esses longos anos em que estivemos em contato, desde antes de ele ser meu orientador de tese de doutorado (2017-2021), compartilhamos debates animados que muitas vezes levaram a

---

<sup>4</sup> NT.: O simpósio está disponível, em inglês, no canal da *Revista Das Questões* no YouTube. A fala do professor Otávio Maciel (30/09/2021), pode ser acessada em: [www.youtube.com/watch?v=FXB4aJWhrqko](http://www.youtube.com/watch?v=FXB4aJWhrqko), com sua contribuição específica acontecendo entre 3:05:45 até 3:56:36.

resultados até mesmo semelhantes no final das contas. Compartilhando muitos compromissos ontológicos e políticos com o pluralismo e com a decolonialidade, ele me apresentou muitos autores, movimentos e teorias que se tornaram primordiais para meu próprio pensamento. Apesar das muitas sobreposições, tendemos a discordar em algumas questões importantes que podem refletir grandes diferenças sobre como preferimos conduzir investigações filosóficas.

Este artigo foi escrito em uma verve diplomática, de certo ponto de vista ecológico-metafísico, através do qual podemos preservar as diferenças e florescer por elas, mesmo que um ecossistema de diferenças não seja exatamente igual ao outro. Começarei apresentando brevemente o que venho chamando de Realismo Complexo. Em seguida, trarei os quenotipos de Meillassoux para a discussão e mostrarei como isso nos possibilita incorporar os indexicais de Bensusan em nossa Matriz Categorical. Concluirei considerando algumas lições, limitações e perspectivas sobre o Indexicalismo e seu projeto de Metafísica dos Outros para o exercício metametafísico-construtivo de um território que possa ser hospitaleiro para ambas as nossas teorias. Este artigo, portanto, tem um ritmo progressivo e gradativo, escrito em um estilo experimental, sendo dividido em duas partes e uma conclusão.

## **Parte 1 – Indexicais e a complexidade da realidade**

### **1.1 – Visão Geral do Realismo Complexo**

Durant meu doutorado passei muito tempo lendo sobre muitos autores que tinham sobreposições e continuações significativas entre eles, mesmo que isso nem sempre fosse tão óbvio devido ao distanciamento geográfico e cronológico entre eles. Pensei brevemente em embarcar em um projeto do tipo genealógico que rastrearía ligações entre filósofos como Alfred N. Whitehead, Henri Bergson, Charles S. Peirce e outros menos conhecidos, como Jean Wahl, Anne Conway e Nicolai Hartmann. Apesar disso, a conexão entre eles apenas sugeria algo muito maior por trás das luzes ofuscantes da modernidade e de seu raciocínio supremacista. Trabalhando com importantes estudiosos das filosofias globais, de repente ficou claro para mim que todos eles compartilhavam algo em comum, desde a proximidade do professor Bensusan com as cosmologias filosóficas ameríndias; o professor Wanderson Flor como um dos maiores especialistas em filosofias africanas e afrodiaspóricas; assim como autores orientais e greco-romanos.

Obviamente, esta não é uma tese relacionado a algum “conteúdo-comum” [de todos estes], parte de uma visão universalista barata, ou mesmo uma abordagem pseudo-ecumênica. Eles compartilham o que comecei a chamar de uma forma *Realista Complexa* em relação ao que existe. Ou seja, mesmo que tenham vindo de lugares de centralidade autoimposta; ou de uma maior importância autoconcedida, isso não significava que lutariam

para erradicar os outros só porque não são adeptos desta ou daquela *Weltanschauung*. A ideia geral de modos de existência e do pluralismo ontológico foi o próprio início de todas as culturas globais. Edward Butler, um dos principais estudiosos de Estudos Pagãos de nossos tempos, colocou isso muito bem em seu artigo ao se referir às culturas politeístas: “O ser é amplamente, generosamente distribuído. Perguntamos *como* algo existe, não *se* existe” (Butler, 2020)<sup>5</sup>.

O Realismo Complexo pode ser apresentado primeiramente como uma forma de caracterizar essa *ecologização* da metafísica, para usar a expressão de Bruno Latour (2013), que trata da pluralidade de existências, Deuses, formas de viver e metas civilizatórias<sup>6</sup>. O que poderia ser uma novidade para os modernos – que existem outros povos com vidas, valores, ontologias diferentes que são irreduzíveis às dos modernos – foi o ponto de partida de todos os coletivos humanos ao redor do mundo. As guerras, as diplomacias, as alianças e o comércio tornaram-se disponíveis apenas por meio dessa intuição básica, perdida pela inexplicável certeza dos modernos de que eles, e somente eles, são os motores do progresso, da história, da evolução – relegando os Outros como inferiores, como supersticiosos, como subdesenvolvidos, ou, simplesmente, como pré-modernos.

Não é suficiente apenas rejeitar essa catástrofe metafísica. Algo construtivo também deve ser oferecido. Dito isso, o Realismo Complexo é uma tentativa de construir sobre esse quadro geral ontológico pluralista um caminho através do qual possamos fornecer um *hub*, um fórum para que diferentes tradições façam alianças, trabalhem e promovam seus pontos de vista [*standpoints*]. O aspecto [*flair*] geral deste projeto só recentemente foi trabalhado em meu trabalho “Primeiro Esboço de um Tratado sobre Metametáfísica: Introdução ao Realismo Complexo”<sup>7</sup>. Para que essa ideia decole, precisaremos implementar o que venho nomeando como *Matriz Categorical*. Esta irá trabalhar com algumas categorias metafísicas para construir este fórum no qual diferentes tradições possam vir a se sentir em casa.

Agora que examinamos o espírito pelo qual minha pesquisa começou, vamos focar especificamente no nome escolhido. A que se refere o Realismo Complexo? Ou, que tipo de pensadores, movimentos filosóficos ou escolas teóricas poderiam ser descritos como realistas complexos? Primeiro, engloba pensadores que acreditam que a realidade é o que

---

<sup>5</sup> NT: Texto original: “Being is widely, generously distributed. We ask how something exists, not whether it does” (Butler, 2020).

<sup>6</sup> Toda vez que falamos sobre *ecologização* da metafísica, é preciso ficar muito claro que a Ecologia não é dar as mãos em jardins floridos; nem abraçar golfinhos ou árvores. Os ameríndios brasileiros, em suas proximidades com antropólogos como Claude Lévi-Strauss e Eduardo Viveiros de Castro, há muito falam de uma *metafísica da predação*. A ecologia é também uma luta pela sobrevivência, a construção de alianças e simbioses, negociação e compromisso entre os seres vivos entre si e para com o universo inorgânico. A ecologia tem mais a ver com trabalho diplomático e ontológico do que uma coleção de discursos bem intencionados e ações individualizadas.

<sup>7</sup> Maciel, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41938>

importa, sendo isso para descrição, para planejamento de mudanças, para aclimação, para conformidade, para intervenção. Isso significa algo que inclui as mentes e as sociedades humanas, mas também algo que está além do que os humanos pensam e fazem em relação a essas coisas. *Realismo*, nessa visão, é um nome muito amplo para uma atitude em relação ao que há [*what-there-is*] – que, parafraseando um dos ditos populares de Neil DeGrasse Tyson, não está sob obrigação nenhuma de fazer sentido para você, para mim, para nós [*For-Us*].

Por sua vez, o *complexo* nessa denominação marca uma atitude que geralmente aceita a lição aristotélica de que o todo é diferente de suas partes, e também é diferente da soma de suas partes<sup>8</sup>. Encontrar a rocha-dura *final*, ou a partícula fundamental *final* da natureza e outros não-sei-o-que, pode ser interessante para algumas pessoas, mas não para pensadores movidos pela complexidade [*complexity-driven thinkers*]. Blocos básicos de construção perdem sua suposta importância inevitável uma vez que o que estão construindo é, não obstante, diferente do que são suas meras relações mereológicas. Os pensadores movidos pela complexidade geralmente veem a simplicidade como enganosa, ilusória, um desperdício de energia. Ou, como poderíamos acrescentar, a simplicidade é um efeito de superfície de um interior incrivelmente complexo que se estabilizou com o tempo. O “simples” é uma ferramenta explicativa entre outras, não a origem, nem a finalidade da investigação.

Quem parece se encaixar nessa conta, em relação aos pensadores ocidentais e greco-romanos? Nomes como Platão, Aristóteles, Proclo, Gottfried Leibniz, Friedrich Schelling, Edmund Husserl, Alfred N. Whitehead, Nicolai Hartmann – além de alguns autores contemporâneos a eles associados, como Niklas Luhmann, Bruno Latour e alguns dentre os Realistas Especulativos. Eu criei este termo guarda-chuva *Realismo Complexo* (RC) para encontrar uma maneira de manifestar todas essas contribuições com base em sua aversão compartilhada ao idealismo (inter)subjetivista, naturalismo ou fisicalismo, psicologismo e muitos outros erros de tipos semelhantes de “-ismos”. Por enquanto, isso é suficiente para mobilizar a denominação RC.

## 1.2 – Três Noções Básicas do Realismo Complexo

A *primeira noção básica*, naturalmente, é a **complexidade**. Isso significa que as coisas não são consideradas simples, bem-comportadas, totalmente racionais ou totalmente irracionais. O conhecimento é uma batalha, uma aventura, um exercício de trabalho e empenho. Complexidade não significa caos, mas obviamente também não significa ordem. Sua caracterização categórica mais próxima é a Categoria do Último [*Category of the Ultimate*] de Whitehead, isto é, Criatividade<sup>9</sup>. Ela abrange estados e disposições gerais de

---

<sup>8</sup> Aristóteles, Livro Eta da *Metafísica* (1991, 1045a 8–10).

<sup>9</sup> Whitehead, 1978, p. 21-22.

entalpia e entropia não em uma visão estática, do tipo visão fotográfica: novos estados e novas entalpias e entropias gerais são gerados por agências, externalidades, *feedbacks*. Dito isso, não há uma maneira rápida e fácil de lidar com a complexidade: aprender **como** fazê-lo, ou **quando e por que** minimizá-la, é a motivação primária para a emergência de qualquer filosofia, teoria ou prática – em algum coletivo, qualquer um deles que seja.

A *segunda noção básica* é que a **existência não é unívoca**. Isso é compartilhado por todos os realistas complexos – em alguns deles é evidente, enquanto em outros isso é tacitamente assumido. Diferentes *tipos* [*kinds*] ou *modos* [*modes*] de existência estão lá, e uma abordagem RC se beneficia dessa pluralidade em vez de proceder na veia modernista de tentar reduzir tudo a uma única substância, categoria ou tipo de existência unificadora. Para usar o *slogan* de Ian Bogost, “todas as coisas existem igualmente, mas não igualmente existem”<sup>10</sup>. Se usarmos a existência de maneira *indexical*, como faz Bensusan, poderemos apontar, categorizar, trabalhar para *esta* ou *aquela* existência sem presumir que *é* a mesma coisa; ou, que *é* a mesma substância, ou que *é* o Mesmo, de qualquer maneira. Embora um pouco diferente do específico uso levinasiano, a não-univocidade da existência é uma forma possível de negociarmos com ele e com sua luta contra a primazia dos termos neutros, como se a existência fosse uma visão única de um *drone* em lugar nenhum [*single drone’s-eye view from nowhere*].

Essa noção básica pode ser encontrada mais proeminentemente em pensadores relacionados ao processo, como Alfred N. Whitehead e suas oito categorias de existência<sup>11</sup>, Étienne Souriau e seus modos de existência intensivos e específicos<sup>12</sup>; e Bruno Latour com os quinze modos de existência<sup>13</sup>, [este] que, apesar de mais centrado numa antropologia dos modernos, ainda assim fornece *insights* interessantes para outros coletivos também.

Outra maneira de colocar isso é recorrer a Nicolai Hartman com seu “realismo crítico”, que é como ele nomeou sua própria teoria. Sua *prima philosophia* divide o que há em duas esferas do Ser, cada uma com muitas diferenciações internas e estratos irreduzíveis entre si<sup>14</sup>. A Esfera Ideal é composta por quatro tipos de seres: essências matemáticas, lógicas, fenomenológicas e valores. Eles são “ideais” na medida em que não são afetados pelo tempo. Um mais um é dois, independentemente da duração ou concrecência. Por outro lado, os Seres Reais são aqueles que geram e são afetados pelo tempo. Quando colocamos coisas reais em algo como uma centrífuga ontológica (que é o propósito da disciplina de *Kategorienlehre*, a *Teoria das Categorias*), assim como o sangue, elas aparecem estratificadas. Podemos ver

<sup>10</sup> Bogost, 2012, p. 11. Original: “all things equally exist, yet they do not exist equally”.

<sup>11</sup> Whitehead, 1978, p. 22.

<sup>12</sup> Souriau, 2015.

<sup>13</sup> Latour, 2013.

<sup>14</sup> Essa divisão é um tanto onipresente em todas as suas obras metafísicas. Para uma visão geral, cf. Hartmann 2019.

seres físicos, orgânicos, psicológicos e espirituais, cada um com sua própria “densidade”, elementos, leis categóricas, descrições e limites. A *densidade*, neste caso, significa que os estratos inferiores são “mais fortes” do que aqueles que estão sobrepostos a eles, porém apresentam menor variação e liberdade para promover novos acoplamentos estruturais.

Podemos vir a encontrar categorias que transcendem regiões ontológicas, como a categoria de espaço, que aparece nos seres físicos e nos seres biológicos. No entanto, isso não significa que esses dois tipos de ser sejam os mesmos. Até em relação às categorias compartilhadas, a maneira como são empregadas é totalmente orientada a sistemas, orientada a objetos [*system-oriented, object-oriented*]. As categorias até podem apresentar algumas sobreposições, mas isso não é nem completo, nem presumido, nem assumido – e descobrir onde [há] tais sobreposições, bem como seus limites, faz parte da investigação que ele nomeou de *Kategorienlehre*.

Além disso, através de Hartmann chegamos à *terceira noção básica* do realismo complexo, a qual denominamos a **dupla limitação da investigação**. Este é um filosofema muito peculiar que não é evidente em outras tradições da complexidade, mas pode ser inferido sem muita dificuldade. Tomemos outro ramo importante do Realismo Complexo, aqueles que vêm das tradições em torno da Teoria das Substâncias e sua investigação. Como em Aristóteles, Leibniz e Ontologias Orientadas a Objetos (OOO), a substância não tem obrigação de fazer sentido para quem a percebe. Para eles, o Ser não depende de ser percebido, de ser indexado [*indexed*], de ser apontado. Desta intuição surgiram noções que giram em torno da coisa-em-si; do objeto real e de seu recuo [*withdrawal*] na OOO; e do **ser-em-si** de Hartmann. Isso representa, por falta de termos melhores, um limite “natural” a qualquer tipo de contato e de cognição. Neste último caso especificamente, sob uma orientação RC, a cognição não é pensada como sendo totalmente inteligível ou revelada [*disclosed*]; ou sendo eterna, imutável ou gratuitamente estável, mas algo pelo qual temos que trabalhar muito e, apesar disso, pode ou não nos levar a novas formas de entendimento e ação no mundo.

Essa é a primeira limitação. O segundo limite “natural” da cognição é a **cognição das próprias categorias**. Os entendimentos filosóficos, teóricos e práticos das categorias não são transparentes, não são-à-mão, não estão presentes-à-mão<sup>15</sup>. Por exemplo, a categoria de espaço, que é conceituada em uma miríade de maneiras diferentes e até mesmo contraditórias, é um bom exemplo. Usar e compreender a categoria do espaço envolve intuição, metafísica, ciência, espaços lógicos, interioridades celulares celomáticas, desenhos urbanísticos, estratégias geopolíticas e muito mais. Outro exemplo é a categoria de vida, que

---

<sup>15</sup> NT: Referência ao *Zuhandensein* e ao *Vorhandensein* na filosofia de Heidegger.

não significa que toda vida é a mesma, ou que toda vida precisa das mesmas coisas, ou que os seres vivos são apenas referenciáveis em um planeta específico.

Portanto, não temos uma, mas *duas limitações* de acordo com Hartmann. Uma é o que vai em direção aos objetos, a coisa-em-si enquanto tal; a outra é ao que vai às categorias elas mesmas. Coisas e categorias não são transparentes, pois também combinam tanto a **transobjetividade** (o que está para além do que somos capazes de objetificar) quanto a **transinteligibilidade** (o que nem sabemos que não sabemos), para usar os termos de Hartmann (2019). Outras tradições RC também trabalharam com esta dificuldade, mesmo que não tão textualmente explícitas como o realismo crítico de Hartmann. Compreender o *Bem* de Platão, ou as *Formas Sensíveis* de Aristóteles, ou o *Dao* de Laozi, ou o *Nirvana* de Buda, é tanto parte do desafio, quanto da solução. O uso apropriado das categorias é outro problema de qualquer conhecimento sofisticado que tenta lidar com um mundo complexo e criativo. Uma boa agente motivada pelo RC deve se estender por um duplo horizonte em seus próprios cultivos filosóficos, teóricos e práticos: um, em direção ao mundo, ao real, aos modos de existência; e outro, para as próprias categorias que ela usa para sofisticar seu trato com o que há.

Complexidade, pluralidade de modos de existência e a dupla limitação da investigação são as três noções básicas presentes em todas as filosofias do Realismo Complexo. Deve-se dizer que estas são *intuições categoriais*, não uma lista de descrições definidas e conceitos presentes-à-mão e compartilhados de uma maneira que flutua como se fosse um [conteúdo] universal. Conceitos não são necessários para entender a intuição básica de que as coisas não são tão simples como se poderia ter pensado inicialmente; ou que as coisas existem de maneiras que não são tais como a minha [maneira de existir]. Nomear tal intuição de “*HHH*” ou de “*ΘΘΘ*” é algo inteiramente *a posteriori*.

### 1.3 – Sobre os Quenotipos

Para que o Realismo Complexo funcione como um fórum, ou como uma espécie de território filosófico para a ecologização da metafísica, precisamos de uma **Matriz Categorical**. Vimos a *Categoria Primeira*, um termo que indica aquilo que está centrado em torno da criatividade complexa e sua subsequente pluralidade de modos de existência. Mais oito são necessárias para uma abordagem Realista Complexa bem desenvolvida, mas vamos nos concentrar aqui hoje em como nos comunicar acerca das coisas, de nós, do mundo e até mesmo acerca da própria Matriz Categorical<sup>16</sup>. Por enquanto, vamos nos concentrar na *Berlin*

---

<sup>16</sup> Haverá um artigo e um capítulo de livro sobre esta Matriz Categorical em breve. O artigo será publicado no número especial da *Revista das Questões* sobre os “Quinze Anos de Realismo Especulativo”, editado pelo professor Hilan Bensusan, professor Charlie Johns, ao lado de mim e do meu colega de doutorado, André Arnaut. Esta edição especial será transformada em um próximo livro da Punctum em algum momento de 2022.



*Lecture* [Palestra de Berlin] de Quentin Meillassoux, publicada como “*Iteration, Reiteration, Repetition: A speculative Analysis of the Sign Devoid of Meaning*” [“Iteração, Reiteração, Repetição: Uma Análise Especulativa do Signo Desprovido de Significado”] (2016).

Não vou escrever aqui mais uma vez sobre o correlacionismo e a metafísica da intersubjetividade, e como estes são problemas a serem superados, mas focarei na noção de quenotipo de Meillassoux. Ele chega a ela na segunda metade daquela longa palestra de Berlim, que apresentou uma reformulação de sua teoria original de 2006, juntamente com algumas inovações sobre como tornar o *materialismo especulativo* uma coisa [aplicável]. Meillassoux parece particularmente preocupado com a má recepção que sua teoria teve, visto que ela parecia, de alguma maneira, insinuar uma postura anticientífica. Se o Hipercaos podia destruir automaticamente qualquer coisa, tornando as ciências inúteis, sua teoria parecia ser apenas mais uma a apresentar uma visão de mundo anticiência niilista pós-moderna. Esse não é o caso, e Meillassoux não mede esforços para provar que sua teoria está estreitamente alinhada com as ciências: mesmo que o Materialismo Especulativo rejeite o positivismo e o cientificismo, ele abraça uma forte atitude pró-ciência enquanto não se posiciona nem como um rejeitador, nem como um vassalo, mas como um aliado interessante para as ciências. Isso é feito na medida em que Meillassoux quer repetir o “**gesto Galilaico**” [*Galilean gesture*]<sup>17</sup> de fornecer uma teoria complexa para a matematização das ciências. Para tanto, Meillassoux apelida espiritualmente sua própria teoria de “Math-erialismo” Especulativo<sup>18</sup>.

Em vez de se concentrar na abordagem tradicional da Teoria dos Números, Meillassoux começa com a intuição de Alain Badiou sobre a Teoria dos Conjuntos. O “gesto Galilaico”, na interpretação de Meillassoux, envolverá uma forma de retrabalhar a matemática e o raciocínio científico através de sua própria orientação materialista especulativa. Para isso, ele traz a ideia de **quenotipo** [*kenotype*]. Ele afirma que essa noção já estava presente nas obras de Charles S. Peirce, mas ele agora a está trabalhando sob uma denominação específica. A palavra vem de κενός, que significa “vazio” ou “nulo” [“empty” or “void”] na língua grega. O quenotipo não se enquadra na categorização geral dos conceitos, pois é um signo *desprovido de sentido* [*sign devoid of meaning*], algo que não é derivado do antigo dualismo conceito/objeto.

A língua inglesa perde a oportuna e inerente ambiguidade da palavra francesa *sens*, que engloba tanto *sentido* quanto *direção*. Essa ambiguidade fértil é preservada na língua portuguesa, pois [a palavra] *sentido* também tem a ver com semântica e com

---

<sup>17</sup> Meillassoux, 2016, p. 141.

<sup>18</sup> Meillassoux, 2016, p. 154. NT: “Math-erialismo” como trocadilho que combina *Mathématiques* e *materialismo*.

direcionamento<sup>19</sup>, como em uma pequena seta, um vetor, um *indexical*. O propósito de Meillassoux é mostrar que seu quentipo é necessário para produzir hipóteses sobre o que há, que podem ser revisadas e executadas sem a necessidade desta ou daquela presença. Fosse o quentipo dependente da presença [*presence-dependant*], não apenas falharia nos desafios propostos pela crítica de Jacques Derrida à metafísica da presença, mas também pressuporia tempo e lugar como base para os quentipos, o que não é o caso para a teoria de Meillassoux. Em sua abordagem, os quentipos são empregados principalmente pela Teoria dos Conjuntos, por exemplo, para dar um nome a um conjunto:

“É então isso que chamamos de ‘conjunto’: um signo, ele mesmo desprovido de significação e, *a fortiori*, de qualquer referência. E este é o objeto inicial da matemática, na medida em que esta última é ‘fundada’ sobre a teoria dos conjuntos: o puro e simples signo que se refere apenas a si mesmo”<sup>20</sup> (Meillassoux, 2016, p. 160).

Ele nos lembra que esta é a fonte de toda numeração na Teoria dos Conjuntos, pois contar um quentipo como numericamente *um*, que nomeia qualquer conjunto, quaisquer que sejam os elementos que ele contenha, é a origem da aritmética. Nesse sentido, ele diferencia entre enunciados **primoabsolutórios** [*primoabsolutory statements*], como aquelas acerca do Hipercaos e da contingência absoluta; e enunciados **deuteroabsolutórios**, que pertencem a fatos que estão-aí. Estes são absolutamente contingentes em relação aos poderes caprichosos do Hipercaos – mas, como eles já existem, *eles estão aí*, eles exibem “propriedades independentes no que tange ao humano, implicando nenhuma necessidade ontológica”<sup>21</sup>. Sua ideia é que a linguagem formal (e eu acrescentaria “*ontologia formal*”), está perfeitamente equipada para criar enunciações deuteroabsolutórias sobre coisas factuais, pelo menos enquanto o Hipercaos primoabsolutório não as destrói por capricho.

Meillassoux distingue entre linguagem natural e linguagem formal em termos da maneira pela qual os quentipos aparecem nelas. As linguagens naturais geralmente evitam os quentipos, ou os empregam para escrever coisas sem sentido para fins estéticos específicos, como o *ftthagn* na literatura de Lovecraft. No entanto, as linguagens formais não apenas usam quentipos, mas estabelecem regras específicas para seu uso, como o emprego das variáveis na matemática. Quando falamos em “encontre o ‘x’”, não estamos necessariamente nos referindo ao X, a letra encontrada na maioria dos alfabetos latinos. Pode ser um elefante, um conjunto de números irracionais, três elétrons. Isso significa que à linguagem formal não “falta” [*lack*] nada. Na verdade, é à linguagem natural que “falta” algo:

<sup>19</sup> NT.: O original pode soar confuso se traduzido literalmente. Cf.: “This fertile ambiguity is preserved in the Portuguese language, for *sentido* also means “meaning”, in this semantic sense; but it also means “direction”.

<sup>20</sup> Original: “It is hence this that we call a ‘set’: a sign, itself devoid of signification, and a fortiori of any reference. And this is the initial object of mathematics, insofar as the latter is ‘founded’ upon set theory: the pure and simple sign that refers only to itself.” (2016, p. 160).

<sup>21</sup> Nota do tradutor: mesma situação da nota anterior, sendo o original: “properties independent vis-à-vis the human, implying no ontological necessity” (Meillassoux, 2016, p. 157).

faltam regras para lidar com e para empregar quenotipos. A conclusão sugerida é que as linguagens quenotípicas são capazes de ajudar ontologias formais na produção de enunciações realisticamente complexas sobre o que existe, seja no estilo “materialista especulativo”, ou de outro modo.

Agora, para fins de preservação da ambiguidade em torno da palavra francesa *sens*, que opera entre a semântica e a direção, citarei o artigo de Meillassoux substituindo a tradução no intuito de mostrar sua fertilidade do *signo sem direção* e do *signo sem sentido*. Vou deixar o leitor tentar adivinhar qual *sens* significa qual *sens*.

“O signo vazio, enquanto signo verdadeiro, nos revela o fato notável de que o *sens* é contingente na constituição do signo, que o signo não precisa de *sens* para ser signo – e que a semiótica (o estudo dos signos) vem antes da semântica (a teoria do significado), e é independente dela: a primeira abrange um domínio autônomo desta, o domínio do signo não significante” (Meillassoux, 2016, p. 164)<sup>22</sup>

Meillassoux usa isso para afirmar que a arbitrariedade do signo não é exatamente como Saussure postulou, mas quando você repete um único quenotipo 10 ou 20 vezes, você não aprende nada sobre ele, pois ele não é necessariamente vinculado nem a esse *sens* (sentido) nem àquele *sens* (vetor). Ainda assim, você pode identificar que é o mesmo quenotipo sendo repetido 10 ou 20 vezes, o que significa que você pode saber algo sem saber do que aquilo é conceito. Ele diz isso de uma forma que pode ser parcialmente atraente para Bensusan: não se trata de conectar quenotipos a conceitos, mas é o caso de se *desconectar* o quenotipo de *qualquer* significação instanciada, interrompendo a expectativa de que todo signo precisa ter um *sens* (sentido-vetor) para ser.

#### 1.4 – Quenotipos, Repetição, Iterações

Agora engajando com Henri Bergson, Meillassoux distingue entre uma multiplicidade quantitativa e uma multiplicidade qualitativa. A primeira é uma mera justaposição; a última está entrelaçada pela duração. Esta seria o que nos permite diferenciar entre ruídos justapostos aleatoriamente em relação a uma melodia. Meillassoux gosta dos exemplos de Bergson, mas acrescenta que a multiplicidade espacial também é possível, não apenas aquelas mediadas pelo tempo ou pela duração. Por exemplo, a repetição no espaço pode ser apenas uma decoração, como o friso na fachada de um edifício histórico; ou a repetição de

---

<sup>22</sup> Original: The empty sign, qua true sign, uncovers for us the remarkable fact *that meaning is contingent in the constitution of the sign*, that the sign has no need for meaning in order to be a sign – and that semiotics (the study of signs) comes before semantics (the theory of meaning), and is independent of it: the former covers a domain that is autonomous from the latter, the domain of the nonsignifying sign”.

algo que tem sentido, como a repetição de sinais de fumaça que indicam um local na floresta, placas de trânsito ou até mesmo elementos arquitetônicos desta ou daquela escola.

Para Meillassoux, a **repetição** é uma recorrência finita que funciona em um *nível diferencial*: você só pode saber o que é um tom musical ou um traço espacial contrastando-os com outros tons ou traços, por exemplo, para entender o que é uma melodia. No entanto, se a melodia é finita, ela termina em algum ponto e a repetição é interrompida. Portanto, isso não basta para compreender os quenotipos, pois são desprovidos de *sens*, de direção, de semântica. Um materialista especulativo, um cientista e outros realistas complexos não devem apenas contrastar vazio com vazio, pois isso não gera nada de valor filosófico primo- ou deutoabsolutório.

Por outro lado, Meillassoux chama de **iteração** uma recorrência *não diferencial*, portanto ilimitada, porque ela produz uma identidade pura de marcas sem necessidade de qualquer tipo de *sens*. Ela escapa aos efeitos da repetição, pois a iteração “encontra na própria marca uma propriedade= $x$  que não depende do tempo ou do espaço, e que, portanto, é, em sentido estrito, atemporal e não-especializada, mesmo que possa se tratar de uma coisa material.”<sup>23</sup> Em conclusão, a **reiteração**, então, tem um sabor *diferencial*, pois é postulada frente àquela que foi iterada – mas é tão ilimitada quanto aquela à qual reitera. Se a iteração tem um sabor primoabsolutório, por assim dizer, a reiteração tem um sabor deutoabsolutório relacionado a ela. Meillassoux escreve:

“Se derivássemos a capacidade absolutória de reiteração, obteríamos: (a) como primoabsoluto, a tese de que todo mundo possível pode ser medido por multiplicidades matemáticas; (b) o fato de que um mundo real, determinado (deutoabsolutório, contingente, mas independente de nós) pode assim ser objeto de tais medições e pode ser conhecido pelo que é especificamente (em oposição a qualquer outro mundo), por meio de operações herdadas da propriedade notável de cada mundo: mensurabilidade (acesso a diferenças deutoabsolutórias)”<sup>24</sup>. (Meillassoux, 2016, p. 178).

A conclusão importante que tiramos disso é que **o quenotipo não precisa ser indexical**. Na verdade, ele *precisa não ser* indexical. Em vez de pressupor que tempo, espaço, aqui, ali, interior, exterior ou outros indexicais são a rocha-dura da realidade, Meillassoux nos mostra que essa busca pela “partícula fundamental” é, em última instância, dispensável.

---

<sup>23</sup> Original: finds in the mark itself a property= $x$  which is not dependent upon time or space, an which therefore is, in the strict sense, atemporal and nonspatialized even though it might be about a material thing” (2016, p. 176).

<sup>24</sup> Original: “If we were to derive the absolutory capacity of reiteration, we would obtain: (a) as primoabsolute, the thesis that every possible world can be measured by mathematical multiplicities; (b) the fact that an actual, determinate world (deutoabsolutory, contingent but independent of us) can thus be the object of such measurements and can be known for what it is specifically (in opposition to any other world), by way of operations inherited from the remarkable property of every world: measurability (access to deutoabsolutory differences)”.

Seja pela primazia primoabsolutória do Hipercaos e sua absoluta necessidade de contingência que pode destruir *qualquer* coisa a *qualquer* momento; seja porque as enunciações (f)atuais sobre o-que-há são feitas de uma forma deuteroabsolutória, esta que *pode* empregar indexicais, mas não *têm que* fazê-lo. O “ao quê” que nos referimos pode envolver tempo e espaço com usos indexicais, mas isso não é um requisito para que os quenotipos sejam a porta de entrada para a teoria da comunicação.

Tendo dito isso, o contrário parece ser bastante fértil: os quenotipos podem vir a ser indexicalizados. De fato, parece que todas as linguagens, referências, comunicações e predicções precisam indexicalizar os quenotipos. O que isso significa? Os quenotipos são admitem serem mobilizados para que obtenham uma característica vetorial que os permita serem colocados, localizados, situados. Um dos bordões da Teoria do Ator-Rede de Latour pode ser útil aqui: “**locals are localized, places are placed**”<sup>25</sup>. Agora, tendo pelo menos lugar, eles podem ser contrastados com outras coisas para dar origem à duração e às operações de valoração envolvidas no surgimento da semântica. Em nossa interpretação RC específica, os quenotipos são o marco zero – e, quando adquirem *sens*, eles estão finalmente na estrada para se tornarem indexicais.

### 1.5 – Algumas categorias do Realismo Complexo

O caminho que escolhi para escrever este artigo nos levou a um cruzamento de influências muito frutífero. Vindo de uma orientação geral do RC, que foi um termo guarda-chuva para muitos filósofos e teorias, agora podemos começar a construir um RC mais específico, que trabalha sua própria **Matriz Categorical**, especificamente na maneira de como se referir às coisas, de como falar sobre o que há. Isso é ensaiado através da proposta de Latour de uma **infralinguagem** que não monopoliza a produção dos *sens*, mas tenta encontrar uma forma de mobilizar intuições e noções por meio da instauração de redes específicas de reprodução-referência<sup>26</sup>. A transição de quenotipos em indexicais, e de indexicais para tipos categoriais mais complexos, dentro da região categorial da comunicação, é o tópico de nossa sessão atual. Reafirmo que o RC lida com pelo menos nove categorias de existência, uma delas é essa região de “quenotipos-indexicais-comunicação” na qual focaremos por agora.

As categorias aqui são nomeadas apenas por números, e elas têm alguns apelidos ou usos comuns. Por exemplo, chamar a *Categoria Primeira* de “criatividade complexa” não é uma redução desta a uma maneira exclusivamente whiteheadiana de vê-la, pois ela também precisa, no meu entendimento, da abordagem acerca da complexidade-e-contingência

---

<sup>25</sup> Latour, 2005, p. 195. NT: foi mantida a citação original por impossibilidade de traduzir adequadamente a expressão nela contida ao português. Poderíamos tentar algo como “locais são localizados”, no sentido de que mesmo os locais precisam ser postos, criados, construídos, estabelecidos.

<sup>26</sup> Latour, 2013, p. 160.

[*complexity-and-contingency*] de Luhmann, e até mesmo alguns dos raciocínios do Hipercaos de Meillassoux. Eu apresentei esta Matriz Categorial em minha tese de doutorado pela atribuição de um número em um dos numerais da “Alta Escrita” chinesa, que são usados em questões formais, militares e financeiras para diferenciá-los da escrita cotidiana mais simples dos numerais. Os números-categoria têm apelidos vindos de usos e de autores mais conhecidos para ajudar o público a captar a intuição categorial – no entanto, as descrições fornecidas não são exaustivas.

Como já vimos um pouco sobre a Categoria Primeira, as próximas (2-5) são apelidadas da seguinte maneira: 2) mônadas-entidades atuais-actantes; 3) *Eidos*-inteligíveis-formas de definitude; 4) preensão-pulsão-impulsões; e 5) nexos-associação-rede. As categorias Segunda, Quarta e Quinta são geralmente focadas nas “mônadas”, aqui tomadas simplesmente como pequenos centros de ação; suas pulsões e preensões em relação uma à outra; bem como suas preensões estabilizadas que podem formar associações, redes e outras formas de *nexūs*<sup>27</sup>.

Por mais importantes que sejam essas categorias para muitos daqueles que podem encontrar um lar no território do Realismo Complexo, elas não são o centro do que eu mesmo considero o mais relevante para minha versão dentro desse paradigma mais amplo do RC. Elas não são suficientes para ter um estudo devidamente sofisticado do que há. Quando umnexo se dobra sobre si mesmo, com seu iniciar e finalizar conectados, ele dá origem à metacategoria interior/exterior, como um punhado de células que, agora, se organizam de forma celomática e podem se tornar um novo organismo eucariótico, ou até mesmo um embrião. A esta altura, não se trata mais de apenas uma cadeia de atores em uma rede aberta, mas surgiu algo diferente que tem uma fronteira formal entre interior/exterior, entre o *interno* e o *externo*. O que vimos aqui é a emergência de um *objeto*, de um *corpo*, de um *sistema*.

Os objetos, para minha versão do RC, precisam apenas atingir essa conexão [*connectedness*] do que quer que seja interno que se distingue do que quer que seja externo. Pode ser um objeto matemático, um objeto ficcional, um objeto formal. Ele é definido não pelo tipo de conteúdo que possui, ou por quais materiais é feito, mas pela *forma de sua diferença*, pelo seu *limite*. Alguns objetos são reais, ou seja, eles lidam com duração e localização no mundo físico de uma ou de outra forma específica. Alguns destes atingem formas ainda mais elevadas de organização, isto é, auto-organização e autopoiese, tornando-se corpos vivos. Como o termo “corpo” costuma estar associado a objetos físicos e biológicos, ele pode ser útil para muitos habitantes do território do Realismo Complexo. Seja como for, o surgimento da autopoiese nos corpos liga nossa metafísica às leituras mais abstratas da

---

<sup>27</sup> Maciel, 2021, T. II, C. 2, Seções §1 e §2.

autopoiese, que não são apenas biológicas ou biocêntricas, mas que também descrevem sistemas psicológicos e socioculturais (como Direito, Arte, Economia, Religião, Ciência etc.)<sup>28</sup>. Para minha versão do RC, este é o centro gravitacional e metafísico de nossa filosofia<sup>29</sup>.

Desenvolvendo essa intuição há alguns anos, trabalhei minuciosamente no que chamei de “Primado do Princípio Ontológico”<sup>30</sup> para construir minha versão do RC centrada no que veio a ser a *Categoria Sexta* (C6). Isso significava que o “Princípio do Processo” e o “Princípio da Relatividade” de Whitehead são de suma importância na medida em que são canalizados em uma entidade ontológica individuada, ou seja, um objeto, um corpo, um sistema. Whitehead enuncia esses três princípios como algumas das Categorias de Explicação. Processo: “*como* uma entidade atual *se torna*, constitui *o que* a entidade atual é. Seu ‘*ser*’ é constituído por seu ‘*devenir*’”. Relatividade: “pertence à natureza de um ‘*ser*’ que ele seja um potencial para todo ‘*devenir*’”. Ontologia: “toda condição à qual o processo de *devenir* se conforma em qualquer instância particular tem sua razão *ou* no caráter de alguma entidade atual no mundo atual da concrecência, *ou* no caráter do sujeito que está em processo de concrecência”<sup>31</sup>. Resumindo, o *Processo* gera uma C6, enquanto a *Relatividade* mobiliza *este* C6 particular num mundo de alianças, predação, socialização, ou mesmo para se tornar material de construção de outros processos para outras ontologias.

## 1.6 – Objetos e Sistemas do nosso Realismo Complexo

Vamos nos concentrar nas Categorias Terceira, Quarta e Sétima nesta sessão<sup>32</sup>. Voltando à canalização do [Princípio do] *Processo* para o da *Ontologia*, e deste para o da

---

<sup>28</sup> Eu endosso energicamente a sugestão de Peter Gilgen, bem como as interpretações do meu orientador de mestrado na Teoria do Direito, Thomas Vesting, de que a categoria de autopoiese na teoria dos sistemas de matriz luhmanniana é decididamente uma categoria formal e não um conceito biocêntrico. Esse preconceito reducionista dificultou significativamente a recepção teórica e sociológica de Luhmann para além de seu núcleo de estudiosos. Cf. Prefácio de Gilgen à sua tradução da *Introdução à Teoria dos Sistemas de Luhmann* para o público do Reino Unido (Luhmann, 2013).

<sup>29</sup> Isso não significa que as outras categorias sejam supérfluas. Para usar uma metáfora biológica, é óbvio que, para a maioria das formas de vida, carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio são os elementos mais importantes. Isso não significa que podemos excluir o sódio e o potássio, por exemplo, já que o sistema nervoso não funcionará sem esses elementos. Ser o centro da Matriz Categorical não significa estar só, ser exclusivo, estar em uma situação “ou/ou”. A primazia não implica a exclusão de outras categorias.

<sup>30</sup> Cf. Maciel, 2019. NT: O texto foi traduzido por Rafaela Silva Borges nesta Anãnsi: Revista de Filosofia, com o título “Uma defesa do princípio ontológico – Whitehead e a ontologia orientada a objetos”, no v. 3, n. 1, 2022, também disponível online.

<sup>31</sup> Cf. as Categorias de Explicação de Whitehead, números IV, IX, XVIII em 1978, p. 22-25. Os itálicos são dele.

<sup>32</sup> Quanto às duas categorias restantes: a Oitava é apelidada de “Metamorfose”; e, a Categoria Nona, lida com caos e entropia mais de perto, conectando-se à Categoria Primeira em termos gerais, tal como “mundo”, ou “universo”. Infelizmente, este não é o lugar para resolver tudo isso. Ficarão para trabalhos futuros.

*Relatividade*, como acabamos de abordar na última sessão, investiguemos como essa intuição geral é apresentada pelo próprio Whitehead:

“A real constituição interna de uma entidade atual constitui progressivamente uma decisão que condiciona a criatividade que transcende tal atualidade. O Castle Rock de Edimburgo existe de momento a momento, e de século a século, em razão da decisão efetuada por sua própria rota histórica de ocasiões anteriores. E se, em alguma grande reviravolta da natureza, ele fosse despedaçado, essa convulsão ainda seria condicionada pelo fato de ser a destruição *daquela* rocha. O ponto a ser ressaltado é a particularidade insistente das coisas experienciadas e do ato de experienciar. A doutrina de Bradley – Lobo-comendo-cordeiro como um universal qualificando o absoluto – é uma farsa de evidência. *Aquele* lobo comeu *aquele* cordeiro *naquele* lugar *naquele* hora: o lobo sabia disso; o cordeiro sabia disso; e os pássaros carniceiros sabiam disso.”<sup>33</sup> (Whitehead, 1978, p. 43, os itálicos são dele).

Agora, observe como os indexicais são importantes para a Relatividade. Não apenas para se falar acerca de objetos reais, corpos reais, sistemas reais (no exemplo, sistemas biológicos), mas os indexicais são importantes para se referir, para caçar, para fugir, para “localizar locais” de possível alimento e abrigo. A Categoria Sexta, centrada em objetos-corpos-sistemas, não está sozinha, do nosso ponto de vista metafísico, na instauração de um RC mais sofisticado. Precisamos considerar quenotipos-indexicais-comunicações, agrupados no que será nossa *Categoria Sétima*, a fim de fornecer algo mais refinado.

Falando sobre caça e localização, é um tanto evidente que a Categoria Quarta (preensão-pulsão-impulsão) lida de perto com muitos tipos de indexicais. A noção dos Estoicos Antigos da *ὄρμη*, muitas vezes traduzida como *conatus*, envolve explicitamente uma vetorização do está no interior para algo além. Desejo, esperança, conhecimento, associações e outros são categoricamente dependentes da Quarta para serem operativos. No entanto, acrescentamos algo importante: a relacionalidade é um inteiro categorial, ou seja, não precisa de, nem exige, reciprocidade, simetria, ritmos ou qualquer resposta da contraparte. É por isso que Samuel Alexander, o herói realista australiano de Whitehead, apelidou isso de “Princípio da Inquietação” [*Principle of Unrest*]<sup>34</sup>. Se a Quarta vem de um interior, vemos como esta se conecta à Categoria Sexta, [que é] quando o menor interior celomático aparece ao longo das unidades emergentes de objetos, corpos e sistemas.

---

<sup>33</sup> Original: “The real internal constitution of an actual entity progressively constitutes a decision conditioning the creativity which transcends that actuality. The Castle Rock at Edinburgh exists from moment to moment, and from century to century, by reason of the decision effected by its own historic route of antecedent occasions. And if, in some vast upheaval of nature, it were shattered into fragments, that convulsion would still be conditioned by the fact that it was the destruction of *that* rock. The point to be emphasized is the insistent particularity of things experienced and of the act of experiencing. Bradley’s doctrine – Wolf-eating-Lamb as a universal qualifying the absolute – is a travesty of the evidence. *That* wolf eat *that* lamb at *that* spot at *that* time: the wolf knew it; the lamb knew it; and the carrion birds knew it.”

<sup>34</sup> Whitehead, 1978, p. 28



Agora, concentremo-nos no interior/exterior que produz [*yields*] a emergência de uma *forma de diferença*, a Categoria Terceira. Essa diferença é definida, grosso modo, como a diferença entre a diferença e seu exterior. Este fraseamento lembra propositalmente o dizer de Luhmann de que “um sistema é a diferença entre o sistema e seu ambiente”<sup>35</sup>. É um traço simples, como a forma de dois lados de George Spencer-Brown (⌊). Este é um dos elementos mais abstratos do nosso tipo de RC.

Cada uma dessas diferenças é algo nelas mesmas. Elas podem compartilhar semelhanças, mas elas terão ao menos, no menor dos casos, ambientes diferentes da outra diferença. Isso significa que a assimetria é o tecido da realidade, não algum defeito do tipo pecado original a ser corrigido. Para nossa versão do Realismo Complexo, a simetria é assimetria negligenciável sob um determinado propósito. Consideramos muitos tipos de diferenças, como os algoritmos, os inteligíveis (mais próximos da tradição estoico-aristotélica, e menos tal como no *Fedro* de Platão), as formas subjetivas whiteheadianas e suas teorias sobre as formas de definitude.

Agora, quando as preensões se interconectam de maneira mutuamente significativa, emerge a matéria-de-fato pública, o nexu whiteheadiano. Quando alguns desses *nexūs* que são mantidos de forma associativa-sociologicamente relevantes, aparecem as redes. Quando as redes se tornam cruciais para a emergência de novos objetos e novas existências que possuem relações simbióticas com elas, nós temos acoplamentos estruturais. Finalmente, quando redes e acoplamentos estruturais variam em relevância, resistência, trabalho, transporte de bens, valores e preensões, temos sociedades. Esta implantação categorial de interconexão mutuamente significativa de preensões indo até as redes e sociedades é a *Categoria Quinta*.

No entanto, considere que para “entrar em uma relação”, algo está transitando entre um interior/exterior, de modo que a Quinta é categorialmente dependente da Terceira (a forma de diferença de cada um dos actantes dessa rede), e da Quarta (a próprias preensões). A dependência da Segunda pode ser muito difícil de acompanhar, uma vez que mônadas ou entidades atuais são muito voláteis para serem estudadas para propósitos macro-ontológicos<sup>36</sup>. Em filosofias, teorias, metafísicas e práticas que são orientadas a objetos

---

<sup>35</sup> Cf. ambos Maciel, 2021, T. II, C. 2, Seção §1º; e Luhmann, 2013, Terceira Conferência: “a system is the difference between the system and its environment”.

<sup>36</sup> Escrevi em outro lugar: “Por “macro” quero dizer um quark, uma xícara, um código jurídico, o país do Camboja ou qualquer objeto na terminologia geral de OOO. Isso deve ser distinguido do nível micro-ontológico, que é o reino extremamente intrincado de uma única entidade atual em recuo como o nível mais alto de abstração concebível. Tal análise beira perigosamente o problema da atualidade vácuca<sup>34</sup>. Como tal, vamos nos concentrar no macro em vez do micro a partir de agora, e faremos isso afirmando e expandindo nossa preferência pelo nexu como o início da filosofia orientada a objetos que estamos esboçando aqui.” (NT: Tradução realizada por Rafaela Silva Borges, publicada nesta *Anãnsi: Revista de Filosofia*, cf. Maciel, 2022).

(orientadas ao *pragma*<sup>37</sup>), a Categoria Sexta se torna o centro gravitacional óbvio para investigações. *Nexūs* que começam e terminam dentro de suas próprias formas interiores de diferença já são um objeto, e a associação de entidades atuais, apreensões, formas e até subsistemas apontam para o fato de que todo objeto é um objeto “social”.

Este não é um posicionamento do “construtivismo social”, em seu entendimento vulgar, por pelo menos duas razões principais. Primeiramente, a forma da diferença é primordial para o que há, pois instaura o exterior/interior. É importante não apenas para o recuo [*withdrawal*], como às vezes parece ser o caso na maioria dos escritos da OOO, mas porque permite o gerenciamento, por meio de operações muito sofisticadas de variação, seleção, internalização e reestabilização do que é bem-vindo e do que não é bem-vindo internamente. Para colocar de uma forma um tanto chocante, uma compreensão mais significativa dessa categoria metafísica é, na prática, saber a diferença entre estupro e relação sexual. Não é apenas “entrar”, mas o *como*, o *quando* e o *quem* – todas essas são questões necessariamente orientadas ao sistema, orientadas ao objeto, orientadas ao corpo, *cada* uma com sua *própria* forma irreduzível de diferença. Levi Bryant parece ter capturado essa ideia luhmanniana em sua versão da OOO de uma forma interessante:

“Endorrelações constituem a estrutura interna dos objetos independentes de todos os outros objetos, enquanto exorrelações são relações que os objetos entram com outros objetos. Se objetos fossem constituídos por suas exorrelações ou relações com outros objetos, o ser estaria congelado e nada seria capaz de movimento ou mudança. É somente onde as relações são externas aos objetos que tal mudança pode ser pensada” (Bryant, 2011, p. 68).<sup>38</sup>

A segunda razão vem da fase de Latour mais centrada na ANT. Ele costumava escrever coisas como: quanto mais “sociais”, menos “sociais” as coisas são. Ele prefaciou isso separando a sociologia social (tipicamente moderna e pós-Rousseau e Durkheim) e a sociologia associativa (mais próxima do uso romano das palavras com a raiz *seq-*<sup>39</sup>). Ao fazer um longo argumento acerca de a sociologia social ser inadequada para o estudo de atores-redes, Latour nos mostra que quanto mais associado é um agrupamento de atores, menos abertos eles são ao que está fora deles<sup>40</sup>. De gangues de motoqueiros a grupos políticos,

---

<sup>37</sup> Observe que *πρᾶγμα*, na Grécia Antiga, não significava um sistema de crenças subjetivas, mas significava simplesmente “uma coisa”, ou “um fato”, algo orientado a uma coisa concreta e suas circunstâncias. Na definição dos gregos e na de Peirce, uma “filosofia orientada ao *pragma*” pode ser muitas coisas, menos a versão jamesiana.

<sup>38</sup> Original: “Endo-relations constitute the internal structure of objects independent of all other objects, while exo-relations are relations that objects enter into with other objects. Were objects constituted by their exo-relations or relations to other objects, the being would be frozen and nothing would be capable of movement or change. It is only where relations are external to objects that such change can be thought”.

<sup>39</sup> NT.: A raiz *seq-* está em palavras como sequência e sociedade (no sentido jurídico romano clássico, que hoje ligamos a termos como sociedade comercial, sociedade de trabalhadores etc., para indicar esta reagregação de pessoas e elementos diferentes).

<sup>40</sup> Cf. Latour, 2005, particularmente a Parte I.

quanto mais os membros estiverem estreitamente associados uns aos outros, menos eles estarão propensos a aceitar os recém-chegados. Torna-se parte necessária de sua contínua construção de identidade grupal instaurar e renovar constantemente a forma interna/externa da diferença.

Isso também fica evidente a partir de outros “objetos sociais”, no sentido de Whitehead, que preendem o mesmo conjunto de formas de definitudes e preensões, como a sociedade de células dentro do *meu* corpo. Elas não negam a sociabilidade das células do *seu* corpo, ou do corpo de Platão, mas estas são *internamente minhas*, formam o *meu interior*. Os objetos sociais whiteheadianos são construídos *de dentro para fora*, muito como as associações de Latour, e não são esgotáveis nem por suas exorrelações, nem por suas endorrelações<sup>41</sup>.

Com isso dito, os C6s podem se relacionar uns com outros e formar novos sistemas, novas associações, novos organismos. As simbioses são assim formadas, e a emergência, por exemplo, de sistemas sociais, depende categorialmente de outros objetos, corpos, sistemas. Um longo caminho vai de sistemas mecânicos, ou *máquinas triviais* na nomenclatura de Heinz von Foerster, até *sistemas autopoieticos*, que podem ser primariamente orgânicos, psicológicos ou espirituais (socioculturais). Amebas, golfinhos, eu, o sistema legal do Brasil – todos são tipos específicos de sistemas autopoieticos. O que diferencia os sistemas primariamente mecânicos e sistemas orgânicos em relação a outros sistemas formais, como os matemáticos ou lógicos, é que aqueles têm uma extensividade espaço-temporal específica. É particularmente proveitoso nomear estes tipos de objetos ou sistemas como “corpos” na maioria dos casos e para a maioria dos tipos de usos filosóficos e sociológicos.

No entanto, o princípio aristotélico ainda se aplica, pois a unidade emergente não é ontologicamente redutível às suas próprias partes. Como Markus Gabriel fortuitamente intitulou seu livro, eu não sou meu cérebro; nem um carro é seu porta-luvas. Agora, isso fica ainda mais evidente quando analisamos sistemas psicológicos e sociais. Na Teoria dos Sistemas de Luhmann, esses tipos de sistemas requerem outra categoria para serem algo. O Sistema Jurídico Americano não é feito de átomos nas escadas da Suprema Corte dos EUA – ao contrário, sua caracterização exige uma forma específica de existência chamada **comunicação**.

### **1.7 – Por que os quenotipos e indexicais são tão importantes para nossa ontologia realista complexa?**

---

<sup>41</sup> Trabalhei em outros lugares a ideia de um “objeto social real” como o centro de minha filosofia alguns anos atrás (cf. Maciel, 2019, p. 333 e ss.). Atualmente substituí esse nome pelo termo mais quenotípico “Categoria Sexta”, pois engloba objetos, corpos e sistemas em geral. NT: Para a tradução em português, cf. Maciel, 2022.

Para realizar as operações ontológicas de sistemas psicológicos e espirituais/socioculturais, indexicais e quenotipos são de necessidade categorial. Para saber *para quem, como, onde, quando* essas diferenças são orientadas, focamos principalmente na Categoria Sexta, mas isso não é suficiente para uma metafísica mais complexa. Vimos que quando uma diferença se dobra sobre si mesma, surge o espaço celomático que pode expressar novas entidades reais, formar *nexūs* e acolher novas simbioses sendo geradas, visto que isso muda a forma como a entidade se relaciona consigo mesma e com o seu entorno. Agora, para entender o surgimento dos sistemas psicológicos e sociais, precisamos nos aprofundar nas especificidades da Categoria Sétima<sup>42</sup>.

Começamos com os quenotipos que, ao ganharem *sens* (direção-sentido), podem ser vetorizados, podem ser localizados, podem ser temporalizados. Em uma palavra, eles se tornam indexicais. Mônadas e objetos sociais podem, por meio de suas próprias *ὀρμαῖν*<sup>43</sup>, vetorizar suas preensões. Por exemplo, o cátion  $\mathcal{W}+$  preende o ânion  $\mathcal{B}-$  para formar o objeto social “composto químico  $\mathcal{Q}$ ”. É importante notar que para este  $\mathcal{Q}$ , em termos de si mesmo, o que importa é *este*  $\mathcal{W}+$  e *este*  $\mathcal{B}-$ , os quais foram necessários para o surgimento *desta* própria forma de objeto social [*este* composto químico  $\mathcal{Q}$ ]. Isso é muito parecido com o exemplo de Whitehead mencionado anteriormente: quem come *aquele* cordeiro é *aquele* lobo, não um cordeiro geral sendo comido por um lobo geral.

No entanto, antes de serem assim empregados, os indexicais evoluem a partir de uma estruturação quenotípica. O quenotipo, como pode ser visto agora, tem uma forma pura de diferença, o que o torna facilmente confundível com a Categoria Terceira. Apesar dessa semelhança, é preciso fazer uma distinção tão tênue quanto a finura de uma folha de papel: uma diferença pura não tem obrigação de ser identificada, apontada, mobilizada – um quenotipo, por sua vez, é a tradução, a transformação, o trabalho de abstração envolvidos em transmutar<sup>44</sup> uma diferença em algo passível de reiteração. A Categoria Terceira cede lugar à Sétima quando aparece algo importante para Bensusan e para nós mesmos: o outro. Não o Grande Outro lacaniano, nem o Outro (supostamente não “Grande”) levinasiano, mas qualquer outro que realize esse trabalho de abstração que transmuta uma diferença pura (C3) em um quenotipo (C7). Este é o gradiente zero para a teoria da comunicação.

<sup>42</sup> É um tanto óbvio que as preensões, associações e até mesmo o trânsito entre os interiores de uma Sexta demandam operações quenotípicas e indexicais. Vamos nos concentrar na Sexta aqui, pois ela é o centro para nosso tipo de RC, mas um Indexicalismo centrado na Quarta, por exemplo, também é bem-vindo em nosso território mais amplo do RC.

<sup>43</sup> NT: A palavra *ὀρμαῖν* é plural de *ὀρμή* (*conatus*), a noção de pulsão-impulso dos estoicos antigos à qual o autor aludiu anteriormente.

<sup>44</sup> Este termo é uma referência à Obrigação Categorial número 6 de Whitehead, denominada “Categoria de Transmutação” (Whitehead, 1978, p. 27), que costumo interpretar como a instauração metafísica da categoria socio-ontológica de Latour de trabalho de abstração, ou trabalho de tradução.

Quando os quenotipos atingem ou recebem caráter vetorial, eles podem entrar no longo e árduo caminho de desenvolver *sens* duracionais, espaciais e semânticos, de se tornarem algo *sobre o quê* referências possam ser construídas. A referência permite a mobilização da informação, da atenção, da direção – portanto, ela se distingue daquilo que mobiliza, daquilo que dirige a atenção. Indicar indexicais (ou, nos termos de Whitehead, a *imediaticidade presentacional*), conectando-se à causação eficiente que vem dos níveis monádico, nexual ou preensional (pelo menos), é dar origem ao **símbolo**. Sistemas mecânicos e orgânicos funcionam com símbolos. Os sistemas autopoieticos empregam símbolos de forma a sofisticar sua interação com seus arredores, geralmente na forma de cheiros, cores, sons. O surgimento de símbolos abstratos amplia, de forma exponencialmente mais ampla, a capacidade de integração entre sistema e ambiente. Por exemplo, referir-se a “perigo” de maneira meramente olfativa pode não ser tão eficiente em lidar com a complexidade quanto aqueles que empregam símbolos abstratos, tal como alguns sistemas fazem por meio sonoro ou visual.

Não temos muito espaço para entrar na teoria da comunicação de Luhmann, mas ele pega bem neste ponto<sup>45</sup>. Símbolos, unidades de dados e referências compõem a primeira de três seleções: *Information*, em alemão. Este é o “o que” está dentro desse existente ontológico peculiar que estamos descobrindo, a unidade comunicacional. A segunda seleção é a *Mitteilung*, com a qual eu gosto de brincar com as palavras *mit+teilen*, “com-partilhar”. Essa seleção é aquela do caminho, da maneira, do empacotamento da *Information* a ser compartilhada com quem quer que seja – o que certamente ressoa com o conhecido lema de Marshall McLuhan de “o meio é a mensagem”<sup>46</sup>. A terceira seleção deve necessariamente vir de qualquer outro sistema observante, que seleciona *Information* e *Mitteilung* e produz *Verstehen*, a seleção do entendimento. Essa tripla seleção é necessária para que surja uma unidade de comunicação.

Alguns sistemas mecânicos e biopsicológicos desenvolvem uma relação profundamente simbiótica com comunicações cada vez mais complexas. Sem elas, as possibilidades de alianças, governos, resistências, manifestações e arregimentações são inatingíveis. Por meio de unidades de comunicação, a evolução ontológica permite que as proposições sejam formadas de forma mais estável. Por fim, a *comunicação da comunicação* gera não apenas um ganho exponencial, mas também produz um novo estrato de realidade: o espiritual. Importante para Luhmann, e para nós, é que a unidade básica da realidade espiritual é a comunicação – que é *destacada, desalojada* de “quem” a estava comunicando. Nessa ontologia espiritual selvagem, a comunicação da comunicação começa a estabilizar

<sup>45</sup> Para mais informações sobre como ele faz isso, cf. Luhmann, 2013, Lição 13.

<sup>46</sup> Para um exemplo prático, considere as fontes das letras que usamos. Escrever “eu sempre estarei ao seu lado” com letras redondas e fofas é um *Mitteilung* – escrever com letras pontudas e ásperas é outra coisa completamente diferente.

interações, organizações e, em fases posteriores, a ver diferenciação funcional através da instauração de formas autorreferenciais. Assim, surgem sistemas sociais como o Direito, a Arte, a Religião, a Ciência e a Economia.

Em conclusão para esta parte, não há sociologia, nem teoria jurídica, nem teologia, nem teorias científicas sem quenotipos-indexicais-comunicação. Mesmo em nosso realismo complexo centrado na C6, se não podemos falar sobre coisas ou comunicar sobre objetos, corpos e sistemas, não há muita coisa de filosofia para começo de conversa. Ter em mente a diferença entre a Terceira e a Sétima é de extraordinária importância para saber que formas e objetos não precisam ser observados – mas, caso aconteça, o trabalho de abstração alcançável a partir deles não pode precluir de quenotipos e indexicais. Em termos de Meillassoux, a Terceira é primoabsolutória, a Sétima é deuterabsolutória – e ambas são cruciais para uma compreensão realista mais complexa daquilo que há.

## **Parte 2 – Indexicalismo visto a partir de nossa filosofia Realista Complexa**

### **2.1 – Proximidades Cruciais**

Todas essas discussões foram necessárias para melhor apresentarmos e delineararmos nossa avaliação do *Indexicalismo* do Professor Hilan Bensusan. A ideia que conversamos longamente durante o tempo em que fui seu aluno de doutorado é que o Realismo Complexo não precisa ser focado apenas no *meu* tipo de RC. Por isso escolhi o nome Matriz Categorial, pois os habitantes desse território metametafísico poderão tomar outras categorias como centro de suas próprias dinâmicas ontológicas. Minha escolha de focar na Categoria Sexta não invalida as demais. Seja como for, a ideia da Matriz e do “território” demanda pluralidade ontológica e uma abertura de espírito à complexidade, à contingência e à criatividade como o compromisso metametafísico que ambos compartilham.

Dito isso, o professor Bensusan não apenas foi o primeiro a me apresentar muitos dos autores do meu Panteão pessoal, mas também compartilhamos muitos compromissos com a pluralidade, a descolonização e as críticas às filosofias das totalidades. Estes são problemas de importância metafísica, política e teórico-prática, como evidencia o propósito do grupo de debates de Bensusan, *Anarchai* (UnB), que constantemente transita entre raciocínios ontológicos abstratos em uma miríade de consequências e diretrizes políticas. Isso está de acordo com outro filósofo amigável ao RC, Edmund Husserl, e sua estreita preocupação com o *Lebenswelt*, que também tem implicações sociológicas, políticas e econômicas.

Outra coisa importante que compartilhamos com Bensusan é a ideia da “ausência de um universo”, próximo ao bordão de Markus Gabriel de que “o mundo não existe”. Com isso não queremos dizer que a Terra seja uma ilusão, ou que a Via Láctea seja uma “trama liberal”, mas que a metafísica construída em, sobre ou acerca da Totalidade *não* é o caminho a ser

seguido por nós dois. Na Suremática [*Surematics*], marca específica do meu Realismo Complexo, tendemos a interpretar esse filosofema com a ajuda de Hume, na medida em que ele denunciou a noção de uma totalidade do “sistema da natureza” como uma fraude ou falácia inferencial. Imaginar que toda a vida é a mesma de um única totalidade é obviamente falacioso também: mesmo se definirmos a vida como aquilo que precisa de água, essa definição é inerentemente falha desde o início (toma a Quarta como se fosse a Sexta), uma definição falaciosa que se torna ainda mais evidente quando encontramos bactérias hidrofóbicas, por exemplo. Imaginar um único tipo de sistema psicológico, ou um único tipo de sociedade, por sua vez, são ambos movimentos ideológicos sem qualquer respaldo do que há.

A peça central do argumento de Bensusan, o Outro e sua relação com o que está dentro, ou “fora dos Grandes Exteriores” [*“outside the Great Outdoors”*], poderíamos jocosamente dizer, oferece muitos *insights* sobre como o Indexicalismo e a Suremática podem interagir. Isso tem a ver principalmente com o conceito de percepção de Bensusan estar estreitamente atrelado ao da imediaticidade presentacional e da causação eficiente. Ambos desenvolvemos isso a partir da teoria da percepção de Whitehead encontrada no *Processo e Realidade*.<sup>47</sup> O professor Bensusan e eu trabalhamos essa ideia whiteheadiana de uma maneira que liga a teoria da percepção a uma abordagem estética do mundo, de uma maneira um tanto greco-kantiana de empregar esse termo. Para eles, a estética não era pensada apenas como teoria da arte, mas uma teoria da receptividade subjetivo/corporal e um entrelaçamento pragmático de elementos reais, ideais, cognitivos e metafísicos, desde os mais básicos graus de percepção até os mais complexos<sup>48</sup>. Nesse sentido, concordamos fortemente com a opinião de Bensusan de que a Metafísica dos Outros “inverte uma ordem metafísica padrão que coloca a percepção a serviço da inteligibilidade”. Para ele, a ordem padrão vê os sentidos como meras ferramentas para chegar à inteligência – enquanto para nós, no Realismo Complexo, “os sentidos dirigem [*drive*] o pensamento” (Bensusan, 2021, p. 159) a fim de destacar essa proximidade crucial entre uma “estética ontológica” e o que ela pode vir a possibilitar.

O trabalho de Bensusan iluminou um aspecto que, embora eu tivesse trabalhado em minha tese, não havia percebido plenamente o alcance maior de sua importância. Receptividade não é apenas uma recepção passiva. Crísipo, o terceiro líder dos Estoicos Gregos, criticou Platão, Aristóteles e os primeiros estoicos, alegando que eles tinham uma doutrina de que a alma ou o *pneuma* apenas “dava passagem” aos inteligíveis. Este era o modelo de percepção *Typosis*, como uma impressão tipográfica na alma, um *pneuma* em

<sup>47</sup> Cf. Whitehead, 1978, particularmente a Parte II, Capítulo 8.

<sup>48</sup> Cf. Maciel, 2021, T. III, C. 3, Seção §2. Essa característica que cruza sujeito e objeto com princípios formais e concretos pragmáticos é denominada “ortogonalidade” nas obras de Hartmann (cf. Hartmann, 2019).

branco, o precursor do filosofema *tabula rasa*. Por sua vez, Crísipo, um dos principais heróis de meus trabalhos, desenvolveu outro modelo de percepção chamado *Alloiosis*, no qual o *pneuma* funcionava como uma aranha em sua teia, ou como um polvo, estendendo seus tentáculos, retraindo e se estendendo de muitas maneiras e a várias coisas ao mesmo tempo<sup>49</sup>.

Embora a tentativa de Bensusan de reforçar essa característica ativa da percepção se apoie demais na “hospitalidade” como um termo muito geral na minha opinião, ele não deixa de ser de suma importância. Somos hospitaleiros com o que vem de fora, e isso envolve preparação, trabalho, *interrupção*. Receptividade, na filosofia de Bensusan, é um ato comum que une a Metafísica dos Outros, a epistemologia da percepção e a ética do cuidar. Sendo tão crucial para a percepção, a experiência, a causação e a metafísica em geral, o Outro, o que quer que esteja fora do “aqui”, não invalida o interior. Bensusan escreve que “um exterior transcendente não é uma negação”<sup>50</sup>, e eu não poderia estar mais de acordo. Receber o que vem não deve ser visto como um mero ato passivo: muito deve ser feito para que sejamos vistos como um bom anfitrião, um bom dono-de-casa hospitaleiro – ou mesmo uma boa pousada, um mosteiro, um campo de refugiados.

Outro fio que o professor Bensusan tece em sua fascinante abordagem da Metafísica dos Outros é que ela “tenta considerar o fora não como algo a ser incluído, mas como uma interrupção no empreendimento motivado por nossas práticas de tornar as coisas inteligíveis”<sup>51</sup>. Isso é recebido com alegria por nós porque destaca as posições de muitos dos Realistas Complexos sobre a irreduzibilidade do outro (Latour), a dupla contingência de Parsons e Luhmann, e uma demanda por autenticidade de ações éticas encontradas em tantos autores como Aristóteles e até Heidegger. Trabalhando por meio de uma abordagem levinasiana, Bensusan desenvolve essa irreduzibilidade, entendida como uma “recalcitrância inevitável” [*inevitable recalcitrance*] (Bensusan, 2021, p. 82), indo o mais longe nesta direção do que já vimos entre outros pensadores do RC. Mais importante ainda, a Metafísica dos Outros está totalmente enraizada no próprio projeto do indexicalismo, na medida em que o professor Bensusan define seu tipo de realismo como um “realismo concernente ao exterior” [*realism concerning the outside*] (Bensusan, 2021, p. 9). Assim, o Outro não é apenas um coadjuvante, mas a própria Bela do baile.

Ainda outra conexão crucial entre indexicalismo e Suremática, que vai um pouco além do Materialismo Especulativo, é o trânsito que é atingível entre quenotipos e indexicais além da abordagem Meillassoux que é centrada na matemática. Bensusan observa que o fenômeno

---

<sup>49</sup> Cf. Ildefonse, 2001, Capítulo 2.

<sup>50</sup> Bensusan, 2021, p. 9

<sup>51</sup> Original: “attempts to consider the outside not as something to be included but as an interruption in the venture prompted by our practices of making things intelligible” (Bensusan, 2021, p. 4-5).



de usar quenotipos para designar um conjunto não é necessariamente apenas matemático, uma vez que a fixação de referências “é independente da verdade de uma descrição – e os substantivos na descrição têm um papel dêitico subjacente”<sup>52</sup>. Bensusan elabora ainda mais isso com grande clareza:

“Se houver mais de um procedimento de fixação de referência para um termo, ou mais de um conjunto de operações dêiticas para uma interioridade, então uma convergência é descoberta. Descobrir que Fósforo é Héspero, por exemplo, é descobrir algo sobre uma única posição de diferentes pontos de vista. Descobrir tal convergência não é se engajar em uma visão do nada, mas apenas descobrir que uma posição pode ser vista de outra forma. Eu posso então ver a estrela-da-manhã sabendo que ela também é a estrela-da-noite – e que eu poderia ver a mesma coisa no final do dia de outro ponto de vista. A mesmidade [*sameness*], ou a alteridade [*otherness*] e exterioridade, não implica uma totalidade”<sup>53</sup> (Bensusan, 2021, p. 36-37).

Evitar ativamente a totalidade também é algo que o Indexicalismo e a Suremática compartilham de todo o coração. Poderíamos divagar na crítica das formas radicais de correlacionismo e sua absolutização deste ou daquele correlato, mas isso já foi exaustivamente explorado em outro lugar<sup>54</sup>. Em vez disso, podemos ver em Luhmann uma maneira interessante de colocar essa crítica de holismos e totalidades quando ele coloca William Ross Ashby em cena. Luhmann escreve que “os distúrbios ambientais são tratados localmente. Eles não empurram todo o sistema para a mudança. Em vez disso, há dispositivos ou arranjos específicos que são afetados”<sup>55</sup>. Há uma indexicalidade envolvida até mesmo nos problemas ambientais. Isso é desenvolvido ainda mais quando Bensusan cita o *Ficar com o Problema* [*Staying with Trouble*], de Donna Haraway, no qual ela afirma que vivemos em algum lugar, não “em todos os lugares” – da mesma forma, nada tem a capacidade de estar conectado a tudo, mas *tudo* está conectado a *algo*.<sup>56</sup>

Uma das contribuições mais importantes que a Suremática recebeu de Luhmann, Latour e Bensusan é esse desafio de pensar em um estilo não-antropocêntrico. Por razões

---

<sup>52</sup> Original: “is independent of the truth of a description– and the substantives in the description have an underlying deictic role” (2021, p. 36).

<sup>53</sup> Original: “If there is more than one reference-fixing procedure for one term, or more than one set of deictic operations for one interiority, then a convergence is discovered. To discover that Phosphorus is Hesperus, for example, is to find out something about a single position from different viewpoints. To discover such convergence is not to engage in a view from nowhere, but just to find out that one position can be viewed otherwise. I can then spot the morning star while being aware that it is also the evening star– and that I could see the same thing later in the day from another viewpoint. Sameness, or otherness and exteriority, does not imply totality”.

<sup>54</sup> NT: Para mais informações, cf. Maciel, 2021, especialmente ao longo dos Capítulos 1 e 2 do Título I.

<sup>55</sup> Nota do tradutor: citação de Luhmann traduzida para acompanhar a tradução do texto de Maciel, sendo o original: “environmental disturbances are dealt with locally. They do not push the entire system towards change. Instead, there are specific devices or arrangements that are affected” (Luhmann, 2013, p. 122).

<sup>56</sup> NT: O fraseamento original de Haraway é mais sutil: “every *thing* is connected to *something*”, visto que ela realça o “thing”, de que há uma coisa que se conecta a outra coisa.

diferentes, mas um tanto convergentes, nós quatro nos esforçamos para evitar manter os humanos como os protagonistas mais importantes, os únicos sujeitos ou objetos de estudo válidos, o nível superior ou o alicerce da realidade. Para Luhmann, os sistemas sociais não são “feitos de” pessoas, são feitos de unidades de comunicação organizadas, como vimos anteriormente. Para Latour, qualquer coisa que atua, resiste, importa, traduza ou abstraia é um actante, seja uma pessoa singular, o Banco Mundial, um próton, ou Darth Vader. Bensusan afirma que “a distinção entre o humano e o alien não-humano não é metafisicamente saliente, uma vez que o que está no exterior não é apenas “companheiros humanos”, mas algo que “é abordado como composto por quaisquer outros, pelo exterior, pelo que é além”<sup>57</sup>.

Seguindo em frente, um dos meus primeiros heróis filosóficos queridos foi o velho Jacques Derrida. Seu pequeno livro *Força de Lei* foi o que me despertou do “sono dogmático” no qual eu estava enquanto desfrutava das certezas inabaláveis da adolescência. A proximidade do professor Bensusan com Derrida foi um dos fatores de união quando começamos a trabalhar juntos. Os escritos de Bensusan também têm a capacidade pouco ortodoxa de tornar Derrida muito mais inteligível para mim, já que meu contato anterior com suas obras reverberou mais em um nível existencial comigo, tal como um chamariz para sentires. No livro recente de Bensusan, a “Lógica do Suplemento” de Derrida, tão crucial para a Metafísica dos Outros, tornou-se bastante explícita e referenciável para meus trabalhos atuais e futuros.

A Lógica do Suplemento ressoa ainda mais com outras influências importantes na Suremática. Por exemplo, a Teoria de Sistemas e a OOO. Se um sistema luhmanniano, ou um objeto harmaniano, fossem considerados completos, acrescentar algo a eles seria um mero adorno sem qualquer significado real para eles. Para Luhmann, sistemas podem ser operativamente fechados, mas são cognitivamente abertos. O fechamento não é apenas uma expressão da forma de diferença que instaura um interior/exterior, mas também permite que programas e códigos que selecionam ou ignoram comunicações venham a evoluir. Para as teorias mais recentes de Harman, o objeto real ser também, digamos, “ontologicamente fechado”, não significa que ele é eternamente imutável. Os objetos nascem, são gerados, crescem, têm algumas simbioses, depois atingem um longo período de estabilidade e, então, morrem ou desaparecem (Harman, 2016).

Para ambos os autores, a completude [*completeness*] de um objeto está fora de questão. Além disso, suas relações com seus ambientes ou entornos são operadas por sua diferença indexicalizada, que faz a mediação das interações entre interno/externo

---

<sup>57</sup> Original: “the distinction between the human and the non-human alien is not metaphysically salient, since what is exterior is not only the “fellow humans”, but “is approached as composed by any others, by the exterior, by what is beyond” (Bensusan, 2021, p. 79).

[*indoors/outdoors*]. Seguindo esse estilo, o que Derrida diagnosticou como a *lógica do complemento* é de fato dissipado em relação a esses sistemas/objetos. É assim porque “ser completo”, noção guiada pela ausência e pela falta de algo a ser integralizado, é descartada por [não] ser tão ontologicamente relevante quanto outros possam pensar. Aqueles que defendem teorias de algo que falta e movem essa coisa rumo ao complemento, geralmente defendem uma aposta tácita não apenas em direção à perfeição, um preceito inerentemente improvável e indesejável, mas também em direção à *imunidade* em relação ao que é exterior (Bensusan, 2021, p. 122).

De maneira diferente, Derrida e Bensusan apresentam a **lógica do suplemento**. Em vez de pressupor a falta e a perfeição, “dar lugar a um suplemento é retirar um escopo de completude para que seja possível o acoplamento com o que é que venha de fora”<sup>58</sup>. Além disso, ele escreve:

“Do ponto de vista do suplemento, a adição promove uma transformação e, portanto, o que é suplementado não é nem indiferente, nem necessariamente ligado ao seu suplemento. Numa relação de suplementação, aqueles que se relacionam não são nem independentes, nem interdependentes: um item suplementado não está totalmente presente nem como determinação, nem ausência”<sup>59</sup> (Bensusan, 2021, p. 123).

Isso ajuda a trabalhar o fundamento metafísico para a teoria do acoplamento estrutural luhmanniano; para a abordagem de Harman com a teoria da simbiose; para a distinção entre uma mera multiplicidade e uma substância duradoura whiteheadiana com ordem social e *nexūs*. A leitura de Bensusan promove ainda mais o projeto de ecologização da metafísica, pois mesmo que a ecologia tenha algumas necessidades específicas, todo o projeto de alianças, predação e coexistência é categorialmente dependente da lógica do suplemento, na medida em que integração e estagnação não são objetivos de ecossistemas. De fato, cada organismo requer esse equilíbrio entre presença e ausência, proximidade e exterioridade, adição e hospitalidade. Isso fica ainda mais evidenciado em sua opinião de que essa lógica do suplemento não é centrada apenas em um respeito ético humanístico para com os humanos semelhantes, mas é algo constitutivo, quase transcendental, da própria possibilidade metafísica da experiência:

“O empirismo metafísico é uma afirmação sobre a experiência na realidade – não é uma tese sobre (nosso) acesso a ela. Nosso acesso é um exemplo de como a experiência está em jogo. Não é apenas nossa ignorância que pode ser remediada com um apelo à experiência, mas também qualquer insuficiência, qualquer ausência de coisas-feitas-prontas [*ready-mades*],

---

<sup>58</sup> Original: “to make room for a supplement is to remove a degree of completeness so that coupling with whatever comes from outside is possible” (Bensusan, 2021, p. 122).

<sup>59</sup> Original: “From the point of view of supplement, adding promotes a transformation, and therefore anything supplemented is neither indifferent to nor necessarily connected to its supplement. In a relation of supplementation, the relata are neither independent nor interdependent; a supplemented item is neither fully present as a determination nor absent”.

qualquer incompletude. Onde houver espaço para suplemento, há espaço para experiência”<sup>60</sup> (Bensusan, 2021, p. 161).

## 2.2 – Observações I: Totalidade e Planura

Eu gostaria de oferecer agora algumas observações que podem engajar criticamente com o Indexicalismo do Professor Bensusan. Como o nome sugere, há uma ênfase na categoria do indexical e suas operações dêiticas, as quais fornecem o centro da metafísica de Bensusan. Como afirmado anteriormente, a ideia de uma Matriz Categorial não é restringir a filosofia ao tipo particular da Suremática que estou tentando desenvolver. Na verdade, a ideia da Matriz Categorial é fornecer ferramentas metametafísicas também para os exercícios de construção de metafísicas de outros, algo similar em espírito das próprias ideias de engenharia filosófica de Rudolf Carnap. Nesta linha, metafísicas que se concentram em objetos, mônadas ou indexicais são todas, de fato, plausíveis e frutíferas.

Dito isso, eu argumentaria que, embora o foco nos indexicais seja defensável, talvez ele se beneficie de uma abordagem mais sistemática dessa categoria. O professor Bensusan insiste que “o ser é indexical e, portanto, que nada existe senão como *isto*, *aquilo* ou semelhante, de um ponto de vista posicionado”<sup>61</sup>, posição que ele inabalavelmente defende contra os relatos “substantivistas” [*substantivist*] da realidade. No entanto, deve-se perguntar se os indexicais são tudo o que existe acerca do ser [*all there is to being*]. Melhor ainda, o que se ganha e o que se perde em uma filosofia exclusivamente indexicalista, ou em uma abordagem predominantemente orientada pelo indexicalismo?

Acompanho o Professor Bensusan há alguns anos já e tenho assistido com grande prazer algumas fases de seu desdobramento filosófico. Ele desenvolveu uma Ontologia dos Fragmentos, uma Monadologia Pós-Leibniziana, um Überrealismo Cubista e tantas outras abordagens interessantes. Isso culminou no projeto Indexicalista e na Metafísica dos Outros tanto como seu guia ético quanto como consequência. Apesar disso, sinto que o Professor Bensusan pode ter ouvido as encantadoras e perigosas melodias que todos nós ouvimos em algum momento: primeiro, identifica-se um extremamente importante “mobiliário do universo” [*furniture of the universe*], para usar uma expressão da qual ele gosta; e, em seguida, generalizar *esta verdade indexicalizada, a de os indexicais serem extremamente importantes*, como sendo o que o universo é, em última instância, “feito de” em sua rocha-

---

<sup>60</sup> Original: “Metaphysical empiricism is a claim about experience in reality– it is not a thesis about (our) access to it. Our access is an example of how experience is in play. It is not only our ignorance that can be remedied with an appeal to experience but also any insufficiency, any absence of ready-mades, any incompleteness. Wherever there is room for supplement, there is room for experience”.

<sup>61</sup> Original: “being is indexical, and therefore that nothing exists but as this, that or the like, from a positioned point of view” (Bensusan, 2021, p. 32).

dura, ou como sua “partícula fundamental”. Seria possível conceber uma Metafísica dos Outros sem a generalização congruente do Indexicalismo?

Perguntas como essas são muito difíceis de serem respondidas por causa da óbvia importância que os indexicais têm não apenas para o Indexicalismo, mas também para a Suremática. Tanto é assim que trabalhamos arduamente durante a Parte I para fornecermos ao público [um relato] da geração metafísica e do desenvolvimento dos indexicais a partir de quenotipos – operação esta de significado incontornável para a própria possibilidade da comunicação. Sem a comunicação como a “mônada espiritual”, ou como a “unidade sociocultural de operação”, o estrato espiritual da realidade não emergiria, e sistemas como o Direito, a Arte, a Religião e a Ciência jamais existiriam. Mesmo assim, não obstante à sua relevância central, ainda colocamos os indexicais como um dos níveis dentro da Categoria Sétima. Questionar os limites do indexicalismo não significa invalidar ou desvalorizar os indexicais. Se os tomarmos como parte de uma Matriz Categorial, podemos realmente vê-los *abrigados* [*housed*] entre outras categorias de existência.

Em outras palavras, na Suremática, os indexicais são alocados [*placed*], assim como os lugares são colocados e os locais são localizados, conforme o filosofema de Latour mencionado anteriormente. Eles vêm de algum lugar e podem se tornar outra coisa. Engendrar-los a partir de quenotipos é um trabalho de abstração que pode vir através de sua tênue diferenciação com formas de diferença (C3). Ao invés de “apenas ser”, acreditamos que os indexicais precisam ser feitos, precisam ser gerados. Há trabalho de abstração envolvido, e tal trabalhador é qualquer coisa que seja capaz de diferenciar uma forma, *essa forma*, das fronteiras quenotípicas *daquela* forma. Não só isso, a Suremática é capaz de investigar a produção de *sens* (seja por vetorialização, seja por semântica), ao mesmo tempo em que reconhece seus limites, capacidades e operações de instauração-abstração de indexicais entre outros níveis da Categoria Sétima, bem como com outras categorias da Matriz.

Isso nos leva às principais divergências entre a Suremática e o Indexicalismo. Podemos organizar nossas críticas da seguinte forma: uma **crítica à planura categorial** e uma **crítica ao desenvolvimento metodológico**.

Uma das características mais importantes da metafísica contemporânea costuma aparecer sob o nome de “ontologia plana”. A ideia é que tudo igualmente é, mesmo que tudo não *seja igualmente* (como o *Mesmo*). Isso pode ser libertador em algum nível, mas gera inúmeros problemas em outros. Por que é necessário afirmar tal coisa? Geralmente para combater o antropocentrismo, ou teorias cartesianas *res cogitans* vs. *res extensa*, e abordagens semelhantes. Concordo com as críticas, rejeito a solução. Para começo de conversa, uma teoria categorial como a de Nicolai Hartmann, ou um esquema categorial como o de Whitehead, ou mesmo o de Peirce, estão sempre chamando nossa atenção para a

vagueza [*vagueness*] da experiência, para a importância de noções como indiferença, apreensões negativas, limitações da percepção e da cognição. Combinado com a rejeição da totalidade, que compartilhamos alegremente com o Professor Bensusan, isso é suficiente para uma filosofia RC. Essa metafísica seria empobrecida se o-que-há fosse reduzido a qualquer tipo de Mesmo [*Same*] (aquele dentre os tradicionais gêneros platônicos).

Agora devemos discutir brevemente o termo “substantivista”. O professor Bensusan afirma que isso se refere a uma posição que defende que “qualquer fala posicionada deve ser exorcizada em favor de uma visão impessoal de lugar nenhum, a única forma de dar conta de como as coisas são ‘lá fora’”<sup>62</sup>. Isso é uma crítica às substâncias ou ao universalismo vazio da totalidade? Elas não são necessariamente a mesma coisa. Enquanto Bensusan não foca na descrição do que é considerado uma “substância”, o subtexto aponta para a ideia de que é algo que pode ser eterno, criado por uma divindade onipotente, ou imóvel, imutável, *causa sui* e/ou indestrutível. Claro, existem tradições metafísicas associadas às tradições abraâmicas (judaísmo, cristianismo, islamismo e outras), mas a categoria da substância está realmente ligada a esses usos específicos dirigidos por estas teologias? Ou, outra pergunta, qual substância está sendo discutida aqui? As substâncias de Aristóteles, sendo ele próprio um pagão, são geradas, corruptíveis, destrutíveis, duracionais. Elas têm percursos históricos de vida e morte, elas têm dignidade e interioridade, elas podem entrar em relações, podem ser frutíferas ou áridas, piedosas ou cheias de húbri. Elas têm uma vida interior e até atividades sociais trocando energias (έντελέχεια) entre outros ούσίαι [NT: “substâncias”]. É isso uma coisa tão ruim assim?

Além disso, não existe uma “visão impessoal de lugar nenhum” obrigatoriamente ligada a substâncias aristotélicas ou a outras filosofias pagãs/politeístas. A Categoria Sexta da Suremática, neste ponto, está mais próxima da OOO de Graham Harman quando ele afirma que ela é uma “versão mais esquisita da teoria das substâncias de Aristóteles”<sup>63</sup>. Isso nos ajuda a elucidar que a teoria da substância, na verdade, não é a verdadeira inimiga de Bensusan, suspeito eu, já que não há necessidade de que elas sejam retratadas como eternas, imutáveis, completas, imunes à mudança ou à exterioridade. O verdadeiro problema é com o relato “substantivista”, que poderia ser reapropriado aqui sob outros nomes, como um gesto moderno que vem de seu contexto religioso monoteísta. Nisso, os modernos se regozijam em se envolver com o folclore da “morte de Deus”, tentando exhibir para si mesmos a mesma agência onipotente, onisciente e onipresente num mundo completamente determinado de substâncias ou determinações imunes à mudança.

---

<sup>62</sup> Bensusan, 2021, p. 16. Original: “any positioned talk must be exorcised in favour of an impersonal view from nowhere, the only way to account for how things are ‘out there’”.

<sup>63</sup> Harman, 2011, Capítulo 6.

Libertar a filosofia desse gesto moderno de um antropocentrismo pós-monoteísta é uma tarefa que, simultaneamente, tem avançado sob a crítica da ontoteologia nos círculos heideggerianos e derridianos. No entanto, o valor da Libertação como objetivo não apenas político, mas também metametafísico do nosso Realismo Complexo, aproximou-nos dos Novos Estudos Religiosos e dos Estudos Pagãos desenvolvidos nos últimos anos. Com esses novos estudos, podemos nos tornar poderosos aliados da Metafísica dos Outros de Bensusan – outros que não estão sob aquele feitiço dos “substantivistas” ou dos Modernos. Por exemplo, devemos notar que não há “criacionismo”, no sentido das tradições abraâmicas, em praticamente nenhuma das religiões do mundo. Para os gregos antigos, por exemplo, o mundo era um *continuum* extenso com épocas cósmicas particulares (para usar a expressão de Whitehead), sem um Começo, com C maiúsculo; e sem um Fim, seja ele uma Providência ou um Apocalipse do Total.

O ponto de vista “substantivista” que o professor Bensusan parece estar criticando, a partir de uma postura auxiliada pelos Estudos Pagãos, é o ponto de vista do deus abraâmico, supostamente morto pelos Modernos, que então tentaram preencher esse vazio com um sujeito transcendente, ou com um correlato absolutizado da metafísica de suas intersubjetividades. No entanto, existem outras formas de estar no mundo. Sem aquele deus específico para matar, não há necessidade de substituir essa “visão de lugar nenhum” – muito menos *substituir essa substituição* por um esforço exclusivo por indexicais. O “substantivismo” pode ser útil para algumas dessas religiões e para os modernos, mas as outras escolas globais de pensamento, de agência e de fé não se restringem a isso de forma alguma. Esses Outros existiram antes, durante e depois do “parêntese modernista”<sup>64</sup>, para usar o termo de Latour, e até mesmo entre os próprios Modernos. Concordamos com a exorcização de Bensusan dessa “visão de lugar nenhum”, mas discordamos das razões para isso.

Deve ficar claro que, para a tarefa de ecologização da metafísica, que é o objetivo final de tantas filosofias Realistas Complexas, o ponto não é proibir ou excluir os adeptos dessas religiões e/ou dos Modernos. A ideia de uma Filosofia Global (ou *Earthbound* [NT: “Terráquea” ou “Terrana”] para usar outro dos termos de Latour) é não proibir ou suprimir o acesso, mas assegurar uma ontologia pluralista que não precise jogar sob as regras destas inteligências “substantivistas”. Novamente, mesmo dentre os adeptos religiosos e dentre os modernistas, há pessoas que não estão comprometidas com um ponto de vista exclusivamente “substantivista”. Isso significa que eles realmente devem ter um assento à mesa. Seja como for, o mais verdadeiro gesto decolonial está em que estes não imponham as

---

<sup>64</sup> Latour, 2013.

regras, limites e objetivos do jogo. Assim, uma ontologia pluralista florescerá livremente apesar das restrições “substantivistas”, sejam elas impostas intencionalmente ou não.

### 2.3 – Observações II: Especulação e Transparência

De qualquer forma, há outras críticas que são importantes para nós. A noção de “**especulação**” que o professor Bensusan critica, mais uma vez, parece estar relacionada às religiões abraâmicas e suas supostas versões “secularizadas”. Nessas religiões, seu deus primeiro cria o mundo e depois cria um tipo de entidade que é feita à sua “imagem”: o Homem (o macho, especificamente). Isso é evidenciado pela presença da alma dada por deus que reside dentro dos Homens, o que lhes garante a capacidade de falar e de comandar o mundo ao seu redor. Conhecimento, nesse enquadramento [*framework*], é a dominação por espelhamento em torno do que existe. Se os Homens são um pedaço da imagem de seu deus, eles se veem um no outro; e, se isso se baseia também na capacidade divina de falar e de dominar, então as coisas são conhecidas pela dominação do Mesmo. Depois que mataram seu deus, o Mesmo torna-se sua intersubjetividade – portanto, conhecer algo é projetar o Mesmo desse eu sobre o que há, para fazer do Outro o Eu/Mesmo – à força, se necessário.

Mais uma vez, não é isso que é obrigatório para nenhum Realista Complexo, que está fora dessas tradições – ou pelo menos à margem da indiferença. Na palavra proto-indo-europeia *\*spékýeti*<sup>65</sup> encontramos as noções de *expectativa*, de *expectação* [*notions of expectation, of expectancy*] ou mesmo de *espetáculo artístico* associadas ao termo *especulação*. A partir desta etimologia parece muito inusitado fazer ela obrigatoriamente significar algo como “brilhar o Mesmo sobre o Outro” [*to shine the Same onto the Other*]. Em uma interpretação pragmática e orientada a objetos, as expectativas já são sobre o outro, particularmente um outro fora do controle do observador; sobre algo que pode ter alguma regularidade e pode ajudar os coletivos a se organizarem ou se defenderem. O raciocínio especulativo, em termos de expectativa, antecipação e organização, é muito mais *pragma*/OOO-orientado para os ciclos da natureza, agricultura e padrões climáticos, bem como outros actantes, do que o lançamento do Ego sobre outros [*Ego-launching onto others*].

Luhmann tem uma teoria semelhante sobre as expectativas como a origem dos sistemas sociais<sup>66</sup>. Por exemplo, “espera-se que um crime seja julgado” – essa expectativa geral anima a construção de sistemas pragmático-especulativos que conhecemos como Direito Penal, regras processuais, técnicas de avaliação de evidências e daí em diante. Mais importante ainda, essa expectativa pragmático-especulativa não está presente apenas em cada coletivo mais amplo envolvendo humanos: também não se trata do que eu, Otávio

---

<sup>65</sup> Ringe, 2006.

<sup>66</sup> Para mais informações, cfr. Luhmann, 2013, “Quinta Palestra”.



Maciel, existencialmente espero da Teoria do Direito. Quando essa expectativa é anunciada, é uma vetorialização de um quenotipo, não o que eu, de carne e osso, espero sobre o que existe. Além disso, diferentemente desse tipo de expectativa normativa, expectativas cognitivas como “a vacinação reduz o risco de infecções severas” são ainda mais evidentemente não relacionadas à projeção do Ego. Há muito a ganhar com esse realismo especulativo orientado a *pragmatas*<sup>67</sup>, o qual não está em oposição aos próprios objetivos de Bensusan.

Nesse sentido, a especulação é um estudo de expectativa que tenta gerenciar dados pragmáticos particulares em direção a algo diferente do que é neste exato momento, ou ao que pode vir a ser antecipado. Como tal, não há absolutamente nenhuma necessidade de recorrer a egos, espelhos ou totalidades. Mesmo se nos atermos à hipótese do espelho, eles não são apenas ferramentas egológicas para narcisistas, como a projeção hegeliana de mim no Outro que acaba sendo uma espécie de Mesmo (e vice-versa). Que seja lembrado, tomando novamente a religião grega como exemplo, que foi através do reflexo em um objeto polido tal como um espelho, que Perseu conseguiu derrotar a Medusa.

Ainda em relação aos espelhos e reflexos, a acusação de “**transparência**” é um tanto exagerada quando se trata da cosmologia processual de Whitehead. O critério para “transparência”, na visão do Professor Bensusan, parece ser que tudo é experimentável de alguma maneira – portanto, tudo supostamente seria transparente na metafísica de Whitehead. Ele escreve: “em certo sentido, a especulação tem algo a ver com transparência – ela pressupõe que o que está além se reflete de alguma forma no que já é conhecido ou pensado. Está ligada ao reflexo de espelhos que tornam transparente o que ainda não se vê”<sup>68</sup>. Agora, desde uma metafísica Suremática, isso não faz muito sentido. Seria uma crítica mordaz se alguém trabalhasse sob o conto daquele deus, de suas criações humanas e de seus atos assassinos. Fosse esse obrigatoriamente o caso, talvez a metáfora do espelho fosse o caso. Apesar disso, novamente, não precisamos condenar nem aceitar esses filosofemas desses tipos de ontoteologias.

Além disso, dizer que tudo experimenta não significa de forma alguma que tudo experimenta tudo, todas as vezes, de todas as maneiras possíveis, de qualquer maneira que possa acontecer. Para o Realismo Complexo não existe um modelo único de subjetividade dado por este ou aquele deus onipotente. Não existe uma forma única de experiência. A assimetria é o tecido ontológico basal. Toda experiência é localizada, pois até os locais são

---

<sup>67</sup> Algo muito próximo disso é o “realismo especulativo pragmático” que vem sendo defendido pelo filósofo OOO Ian Bogost (2012, p. 29-30). Eu enfatizo com veemência que qualquer uma das abordagens construídas do Realismo Complexo terá que trabalhar nessa direção também, de uma forma ou de outra.

<sup>68</sup> Bensusan, 2021, p. 7. Original: “in some sense speculation has something to do with transparency– it assumes that what is beyond is somehow reflected in what is already known or thought. It is connected to the reflection of mirrors that make what is still unseen transparent”.

localizados [*places are placed*]. Não há razão Suremática para dizer nem que tudo experimenta tudo da mesma maneira (algo incorreto já de fábrica, consequência da diferença e da assimetria na Categoria Terceira); nem de dizer que tudo é acessível a qualquer coisa. Relembrando a lição latouriana, quanto mais associado, menos “social”. Isso nos ajuda a entender melhor os objetos de OOO se retirando [*withdrawing*] para seu próprio interior celomático que não é acessível de fora. Mais ainda, a assimetria das formas e dos atos transcendentos (como desejo, conhecimento ou esperança) que vão do interior de um para algo exterior, elimina o conhecimento universal supostamente “sem custos” [*free-of-charge*], como algo automático, gratuito e de lugar nenhum [*from-nowhere*]. Não há “o mesmo tipo de acesso” a ser supostamente evitado pela crítica à transparência se nenhum acesso é o “Mesmo”.

Há uma distinção adicional que deve ser feita, que é que o acesso ou a experiência não envolvem automaticamente conhecimento, muito menos a “inteligibilidade universal” que algumas religiões e modernos pensam que há. Essa diferença entre o que há (que é assimétrico pela Categoria Terceira) e o que pode ser conhecido ou acessado (que é tanto assimétrico pela Categoria Quarta, quanto fortemente mediado pela Categoria Sexta) também está na distinção tão tênue quanto uma folha de papel entre a forma pura (C3) e um quenotipo (C7). Isso significa que **ontologia não é epistemologia**. O-que-há [*What-there-is*], novamente, não tem obrigação de ser conhecido, de ser apontado, de ser visto, de ser controlado, para ter sua “inteligibilidade extraída”, para usar o termo do Professor Bensusan. Por exemplo, na metafísica do conhecimento de Nicolai Hartmann, como vimos, o ser-em-si (e as próprias categorias, aliás) não será totalmente objetivado por ninguém, nem mesmo por um indexical, uma vez que ser **não** é ser percebido, ou apontado, ou indexicado sob essas outras teorias. Afirmar o contrário é confundir ontologia com epistemologia teleologicamente orientada. O transobjetivo e o transinteligível estão além de qualquer tentativa de controlar ou violar o objeto, para que não venhamos a aniquilar o que há.

## 2.4 – Observações III: Exterioridade e o Outro

Agora nos voltamos para a densa questão do Grande Fora [*Great Outdoors*] e sua relação com o que há “dentro”. Pelo que vimos da Matriz Categorical, devo discordar vocal e fortemente do filosofema que o professor Bensusan repete ao longo do livro: o que os “interiores são moldados pelo externo”. Nas teorias de Heinz von Foerster, Spencer-Brown e Luhmann, a título de referência, a única maneira de o exterior “moldar” o interno é matando o sistema, violando suas fronteiras e rompendo sua sistematicidade. Para nós, o que molda, varia, seleciona e restabelece é o que está-aí, centrado na Categoria Sexta: o objeto-corpo-sistema. Esta é minha apropriação do “princípio ontológico”<sup>69</sup>, mas ela também dá ênfase

<sup>69</sup> Maciel, 2019. NT: Tradução por Rafaela Borges: Maciel, 2022.

específica ao fato de que todos os tipos de RC são metafísicas do trabalho, de transporte, de tradução, de dispêndio de energia, de dispêndio de tempo. Indexicais são cruciais para isso, mas não são, de maneira nenhuma, suficientes.

Há outro problema com este Grande Fora que supostamente não é transparente, em termos de ser experimentável ou perceptível. Chegamos a encontrar o sentimento oposto ao longo do livro. O professor Bensusan diz que “a finitude é uma incapacidade de perceber que o Grande Fora já está plenamente disponível nas próprias fronteiras de nossa interioridade”<sup>70</sup> – isso é o que nos parece ser transparência. Isso é, de fato, o que pode ser experienciado de qualquer forma, a todo tempo, por qualquer coisa ou coisa qualquer, para todo o sempre. Seu Grande Fora está sempre presente, sempre lá, sempre moldando, sempre assombrando, sempre nos mantendo como reféns. Durante o *Online Book Symposium*, observei que isso me levou a um sentimento de claustrofobia metafísica enquanto eu estava lendo sobre esse tipo de Outro. Enquanto escrevia este artigo, considerei brevemente que estava sendo um pouco exagerado – no entanto, verifiquei que surpreendentemente mais de quarenta vezes expressões como “nos mantêm reféns” aparecem ao longo do livro. Se algo que pode ser experienciado de qualquer maneira, por qualquer coisa, a qualquer tempo não é “transparência”, não tenho certeza o que seria.

Embora eu não seja um conhecedor de teorias psicanalíticas, devo admitir que o contraste entre o Grande Outro de Lacan e o Outro supostamente “Não-Grande” de Levinas serviu para destacar a claustrofobia metafísica que senti repetidamente ao ler o livro. O professor Bensusan diz que o *Grande* Outro lacaniano “está lá fora, julgando o que está dentro”<sup>71</sup>. Comparando com o que eu sentia como o *Grande* Outro levinasiano, fosse aquele o caso, eu me sentiria é muito sortudo! Se o [Outro supostamente Não-Grande] levinasiano nos julgasse, seria esse o *menor* dos nossos problemas, visto que ele supostamente constrói o interno, o mantém refém, determina as operações internas e nos mantém constantemente sob vigilância, sendo apontados, sendo perseguidos e tudo mais. Como um adepto dos Estudos Pagãos, posso *especular* se este *Grande* Outro Levinasiano (GOL) não é um *Ersatz* para o falecido deus abraâmico nas mãos dos modernos. Que outra criatura ontoteológica poderia instaurar tal nível de onipresença?

Curiosamente, acerca da onipotência do GOL, há uma reversão peculiar. Bensusan também sustenta a afirmação paradoxal (que é aceitável sob as regras do Indexicalismo) de que, apesar de sempre-estar-aí, “o exterior está sempre situado em uma interioridade – não

---

<sup>70</sup> Bensusan, 2021, p. 95. Original: “finitude is an incapacity to realise that the Great Outdoors is already fully available on the very borders of our interiority”.

<sup>71</sup> Bensusan, 2021, p. 70.

há mundo externo independente de um ponto de vista”<sup>72</sup>. Ele nos alerta contra a fusão de Totalidade e Exterioridade – no entanto, ele o faz fundindo o GOL com a interioridade do observador. Se o exterior é sempre “interiorizado”, parece que chegamos mais uma vez a uma das teorias que afirmam que “isso esteve dentro de nós desde sempre”. Ou, numa modificação de “o mundo é minha representação” de Schopenhauer, que passou a ser “o mundo é minha indexicalização”.

Rejeitamos esta solução rejeitando a totalidade (o que tanto eu como Bensusan fazemos) – enquanto também enfatizo a diferenciação entre exterioridade e a necessidade de uma correlação. O exterior não tem obrigação de ser nem totalizado, como ambos concordamos, mas nem tampouco tem obrigação de ser correlacionado a qualquer coisa particular, especialmente à *minha* correlação, à *minha* interioridade, à *minha* indexicalidade. O professor Bensusan parece aceitar a orientação “correlacionista simples”, enquanto transforma a ego-indexicalidade-que-na-verdade-é-o-GOL<sup>73</sup> em uma nova versão de correlacionismo forte. Além disso, nada parece sugerir que uma exterioridade não-correlacionista (não-centrada num indexicalismo) seria obrigatoriamente totalmente acessível, ou transparente, ou uma presa fácil para ter sua inteligibilidade extraída. O que quer que seja transobjetificável, de fato, pode ser considerado um *relatum* residual ao observador indexicalizado – [mas isso] não significa que ele foi totalizado, ou que será completamente acessado algum dia. Isso não é o caso nem do que é transinteligível, que está além do que pode ser contatável, menos ainda cognoscível. Isso, parece para a Suremática, é uma forma mais radical de fazer justiça ao Fora, ao Outro.

Antes de entrarmos na conclusão, devo encerrar esta sessão com algumas considerações metafisológicas. Todos aqueles que são amigáveis aos paradoxos e às contradições são invariavelmente questionados sobre essa forma particular de fazer filosofia. Uma teoria paradoxal é ética? Pode estar errada? Se o que foi previsto se concretizar, a teoria lucra. Se o que foi previsto não se concretizar, a teoria lucra. Como é que *isso* não é uma imunidade embutida contra a crítica e a avaliação de seus limites? Melhor ainda: o indexicalismo pode ser genuinamente interrompido? Não consigo ver como, pelo menos neste momento, pois se for bem-sucedido, temos indexicais aqui e ali. Caso contrário, o livro diz que sua própria posição foi de alguma forma projetada para fracassar de forma autodestrutiva, ao mesmo tempo em que se esforça para promover algo como uma escassez metafísica, contra a chamada “abundância metafísica”<sup>74</sup>. Isso é suficiente para fazer justiça ao que existe, para orientar teorias e ações ontológicas e políticas? Estou ansioso para ver os

---

<sup>72</sup> Original: “the outer is always situated in an interiority– there is no external world independent of a viewpoint” (Bensusan, 2021, p. 29).

<sup>73</sup> No original: ego-indexicality-which-actually-is-the-LGO.

<sup>74</sup> Bensusan, 2021, p. 191 e ss.

desenvolvimentos nessas áreas e aguardo ansiosamente as cenas dos próximos capítulos do Professor Bensusan.

## Conclusão

Ao final do livro, o professor Bensusan resume sua posição em uma longa citação que incluirei alguns números para fins didáticos.

“De fato, o indexicalismo conclui 1) que não há nada a ser percebido além do dêitico. 2) Nenhuma interioridade pode ser percebida sem a aplicação [*deployment*] de operadores dêiticos. 3) O que é percebido já está localmente indexicalizado. 4) A mediação é feita por dêiticos, e os conceitos são úteis na medida em que fornecem indexicalidade implícita. Talvez pudéssemos reformular o lema de Kant: intuições sem indexicais são cegas (ou mudas). 5) A receptividade, como a hospitalidade, é feita de reorientações. 6) Mas os outros, infinitos em seus traços, permanecem sempre exteriores. 7) Suplementação não é integração – nunca se completa”<sup>75</sup> (Bensusan, 2021, p. 148-9).

Destes sete pontos, rejeitamos apenas o primeiro. Trabalhamos muitas das categorias de existência em [nosso] artigo, e os indexicais não estão apenas presentes, mas são incontornáveis para a metafísica do Espírito, do mundo sociológico e sociocultural, visto que eles são o primeiro desenvolvimento dos quenotipos após a obtenção de *sens*. Aceitamos parcialmente os pontos 4, 5 e 6 como segue. Em relação ao 4), acreditamos que os conceitos são úteis e que há alguma indexicalidade envolvida, mas sua função não repousa apenas nos indexicais, mas também nas demais categorias de existência. Sobre o 5), tudo bem, mas não o suficiente, pois receptividade e hospitalidade não precisam apenas de reorientações – programas e expectativas organizacionais também são a norma para a maioria dos encontros hospitalares, como amigos, hotéis e pousadas – até mesmo em ambientes virtuais. Por fim, em relação ao 6), sugiro apenas substituir o “infinito” do outro pelo “transfinito”, que acredito ser mais interessante. Aceitamos os pontos 2, 3 e 7 sem mais observações.

Após essas apresentações sobre o meu tipo de Realismo Complexo (Suremática) e o Indexicalismo do Professor Bensusan, acredito que existam dissonâncias importantes que podem ser trabalhadas de forma ecológica. As preocupações e os compromissos de Bensusan são próximos dos meus, mesmo que nossos caminhos atravessem rotas muito diferentes. Nesse sentido, estou convencido de que compartilhar um compromisso com a descolonização, a pluralidade ontológica e uma fundamentação metafísica para uma ética do

---

<sup>75</sup> Original (com os acréscimos numéricos de Maciel): “Indeed, Indexicalism entails 1) that there is nothing to be perceived but deixis. 2) No interiority can perceive without the deployment of deictic operators. 3) What is perceived is already indexically placed. 4) Mediation is done by deixis, and concepts are useful in as much as they provide implicit indexicality. We could perhaps rephrase Kant’s motto: intuitions without indexicals are blind (or mute). 5) Receptivity, like hospitality, is made of reorientations. 6) But the others, infinite in their traces, always remain exterior. 7) Supplementation is not integration, and never reaches completion” (2021, p. 148-9).

cuidado e da hospitalidade é o que nos aproxima e nos permite trabalhar juntos. Tentemos encontrar um caminho para o fórum metametafísico que o realismo complexo busca ser.

A empreitada contra a substância, por exemplo, pode ser retrabalhada de várias maneiras. A substância não precisa ser aquela de unidades eternamente imutáveis e criadas, autocontidas e imunes. Existem muitas teorias de substâncias que podem atrair o Professor Bensusan – mesmo que ele insista em tomar os indexicais como ponto de partida ou como a parte mais importante da filosofia. Aceito isso de bom grado, pois há muito espaço para desenvolver pesquisas indexicais no território, particularmente para suas abordagens mais recentes de quenotipos e teorias de referência direta com meu colega e ex-aluno, Guilherme da Silva (UnB).

Em termos de método, o próprio professor Bensusan trabalhou muito meticulosamente para mostrar como a especulação é possível no Indexicalismo, mas eu acrescentaria que a especulação não precisa ser uma projeção do ego sobre as coisas. Contrastando com a *self-othering* do ego de Hegel e o que mais for, o método de Whitehead é um bom exemplo, pois combina um lado racional de lógica argumentativa básica e coerência racional com adequação empírica e adaptabilidade além do contexto inicial dos dados que estudamos<sup>76</sup>. Mesmo que esta seja uma abordagem mais orientada às *pragmatas*, orientada a objetos, orientada a sistemas, ela faz uso frutífero e abundante de indexicais, e podemos aprender muito com a visão de Bensusan sobre a proximidade e sobre a possibilidade de conhecimento.

Empregando outro trabalho do professor Bensusan, poderíamos dizer que focar no “este indexical” deste objeto, isso é factível. Se focarmos neste indexical “deste objeto”, isso também é factível. Defendendo anteriormente uma forma “cubista” de Überrealismo<sup>77</sup>, se deslocarmos a intencionalidade do nosso ato transcendente do observador para o que está sendo observado, podemos distinguir perfeitamente entre uma Sexta que está *aqui*, e uma Sexta que está aqui. De uma maneira cubista-bensusaniana, isso é perfeitamente possível. Não precisamos dizer “só os indexicais importam”, nem “só os objetos importam”. Abandonando a totalidade, o substantivismo (ou, o ponto de vista de lugar nenhum) e o preconceito de que todo acesso/conhecimento é do mesmo jeito, ambos podemos continuar florescendo muito.

No sentido mais amplo do Realismo Complexo, a Matriz Categorial forma algo como um jogo de interpretação de papéis *online multiplayer* massivo (MMORPG). Alguém pode colocar as preensões (Categoria Quarta) no centro da dinâmica de aventura de sua metafísica e produzir resultados interessantes. Eu coloquei a Sexta, a dos objetos, corpos e sistemas, e

---

<sup>76</sup> Whitehead, 1978, particularmente o Capítulo 1 da Parte I.

<sup>77</sup> Bensusan, 2011

estou gostando da aventura destas ideias. Bensusan colocou a Sétima, ou mais em específico, um estágio intermediário, o dos indexicais<sup>78</sup>. Todas essas abordagens são lícitas e frutíferas em nosso MMORPG.

Finalizamos com uma visão sinótica mais ampla do que está disponível para nós agora. Depois de trabalhar em como formas puras de diferença trazem muitas outras dinâmicas categoriais, tais como preensões, comunicações, associações, podemos adumbrar nossa Matriz Categorical uma última vez e colocar em evidência que a Categoria Terceira pode se tornar o centro de um novo tipo de ontologia formal. Essa forma de diferença possibilita a emergência de objetos, sistemas e quenotipos – portanto, estes são categoricamente dependentes da diferença. Seja uma diferença que há-aí e possa evoluir para um nexo fechado (o requisito mínimo para um objeto simples), ou seja uma diferença que pode ser abstraída para a enunciação (o ponto de partida para fazer quenotipos), esse novo tipo de ontologia formal pode ser uma das próximas grandes coisas que o Realismo Complexo tem para oferecer. Os recentes desenvolvimentos do professor Bensusan em relação aos quenotipos de Meillassoux, os novos flertes do professor Harman com o formalismo, e minha própria Categoria Terceira apontam para esse novo horizonte comumente compartilhado de Indexicalismo, ontologia orientada a objetos e a Suremática de nosso realismo complexo.

## Referências

ARISTOTLE. **Complete Works**, edited by Jonathan Barnes. Princeton: University Press, 1991.

BENSUSAN, Hilan. **Indexicalism: Realism and the Metaphysics of Paradox**. Edinburgh: University Press, 2021.

BENSUSAN, Hilan. ‘Towards an Indexical Paradoxico-Metaphysics’ in. **Open Philosophy** 1: 155–172, 2018.

BENSUSAN, Hilan. **Being up for grabs: On Speculative Anarcheology**. London: Open Humanities Press, 2016.

BENSUSAN, Hilan. ‘The Cubist Object: Black Boxes, Überrealism and the Metaphysics of Perspectives’ in. AUSTIN, Michael et.al. (eds.) **Speculations**. Volume 2, May, 2011. ISBN 978-1-257-65407-9, pp. 169-186.

---

<sup>78</sup> NT: No sentido de que, na Categoria Sétima, há quenotipos-indexicais-símbolos-comunicação.

BENSUSAN, Hilan & FREITAS, Jadson Alves de. **A Diáspora da Agência: ensaio sobre o horizonte das monadologias**. Salvador: EDUFBA, 2018.

BOGOST, Ian. **Alien Phenomenology, or What It's Like to Be a Thing**. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2012.

BRYANT, Levi. **The Democracy of Objects**. Ann Harbour MI: Open Humanity Press, 2011.

BUTLER, Edward. **Polytheism and Ecology**. Indic Today, 5/27/20. Disponível online: [indictoday.com/research/polytheism-and-ecology/](http://indictoday.com/research/polytheism-and-ecology/).

HARMAN, Graham. **Immaterialism: Objects and Social Theory**. Cambridge: Polity Press, 2016.

HARMAN, Graham. **The Quadruple Object**. Alresford, UK: Zero Books, 2011.

HARTMANN, Nicolai. **Ontology: Laying the Foundations**. Transl. by Keith R. Peterson. Boston: De Gruyter, 2019.

ILDEFONSE, Frédérique. **Les Stoïciens I**. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 2001.

LATOUR, Bruno. **An Inquiry into the Modes of Existence**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: An introduction to Actor-Network Theory**. Oxford: University Press, 2005.

LUHMANN, Niklas. **Introduction to Systems Theory**. Transl. by Peter Gilgen. Cambridge, Reino Unido: Polity Press, 2013.

MACIEL, Otávio S.R.D. Uma defesa do princípio ontológico – Whitehead e a ontologia orientada a objetos in. **Anãnsi: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 246–280, 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/14855>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MACIEL, Otávio S.R.D. **Primeiro Esboço de um Tratado de Metametáfísica: Introdução ao Realismo Complexo**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Brasília: Brasília, 2021. Disponível on-line em



português no Catálogo on-line da Universidade:  
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/41938>.

MACIEL, Otávio S.R.D. "A Case for the Primacy of the Ontological Principle" in. **Open Philosophy** (De Gruyter), 2:1, p. 324-346, 2019. Recuperado de: doi:10.1515/opphil-2019-0025.

MEILLASSOUX, Quentin. 'Iteration, Reiteration, Repetition: A speculative Analysis of the Sign Devoid of meaning'. Transl. by Robin Mackay and Moritz Gansen in. AVANESSIAN, Armen & MALIK, Suhail (eds.). **Genealogies of Speculation Materialism and Subjectivity since Structuralism**. London: Bloomsbury, 2016.

PEIRCE, Charles Sanders. **Philosophical Writings of Peirce**. Selected and edited with an introduction by Justus Buchler. New York: Dover Publications, 1955.

RINGE, Donald. **From Proto-Indo-European to Proto-Germanic** (A Linguistic History of English; volume 1). Oxford: University Press, 2006.

SOURIAU, Étienne. **The Different Modes of Existence**. Minneapolis: Univocal, 2015.